tra acerca dos comandos militares na guerra da Restauração; escreveu-a, mandou-a e só ~~[illegible]~~ foi lida ontem por qualquer locutor. Ora aconteceu que ha dias, recebendo de Guimarães o nº. commemorativo publicado pela Revista da Socied. Martins Sarmento, é que leu o meu artigo O problema dos comandos no qual encontrou opinião convergente e «certos pontos de contacto» com a palestra já escrita.

E como não quiz que eu, ao ouvir a palestra, imaginasse que ele se fundou nos meus pareceres sem dar cavaco, apressou-se a dar explicações com palavras excessivamte amaveis pa o meu trabalho.

Este procedimento não é hoje vulgar e exactamente por isso mereceu uma resposta que deixo copiada com o nº. 160 a pag. 145 do volº. respectivo.

Ainda ha, pelos vistos, quem proceda com seriedade e compostura.

Coimbra:

Julho: 3

Desta vez, vai carta pa a professora primaria D. Lucinda Quintãs, de Miranda do Corvo, grande entusiasta pelos meus trabalhos de historia mirandense e excelente auxiliar no meu celebre cancioneiro

popular de Miranda do Cº — que será publicado um dia, se o fôr.

A carta, pª recemaria, fica a pag. 146 do volº respectivo, com o nº 161.

Coimbra

Julho. 7.

Mandei hoje ao Vergilio Correia a seguinte carta de que ele, certamente, não gostará muito. Mas foi.

«Exmo Snr. dr. V. C. meu presdo Amº:

«Desculpe esta mª carta que é pura caturrice de quem vai envelhecendo. Li nos jornais que se inaugurava ontem o museu de ourivesaria e esperava, naturalmente, um convite. Como antigo presidente do Conselho de Arte e Arqueologia julguei-me no direito de esperar o cartão que me facultasse a entrada.

«Não veiu, porem, o cartão; e como é conveniente seguir a sabedoria popular, não compareci como mtº desejava. Desculpe V... este desabafo e não o leve a mal; ao mesmo tempo justifico-me da falta de o não ter cumprimentado pessoalmente por mais essa afirmação de raras qualidades de trabalho e competencia.

«E creia-me, etc.»

Isto são bagatelas, sem dúvida; mas é bom ir lembrando. E a carta lá foi.

Coimbra.

Julho: 9

O meu pequeno artigo comemorativo na Revista de Guimarães sobre O Problema dos comandos na Guerra da Restauração, mereceu á direcção da Revista Militar um voto de congratulação...

Certamente, lembrança do Pires Monteiro de que veio a remessa dum ofício de 5 deste mês (nº 227/D) com o voto exarado na acta da últª sessão e com palavras de simpatia, etc. etc.

Aquilo, na Revista Militar, está a transformar-se em uma espécie de sociedade alegre de elogio mútuo... Que diabo!... Zumbaias pª aqui, zumbaias para acolá, um nunca acabar de cagarrifâncias que já cheiram mal.

Enfim, parece que se divertem com isso. Que se divirtam, pois. Mas o pior é que tive que lhes responder com outro ofício, que hoje mandei, no mesmo estilo do delas, embora mais curto.

Tem estado aí a correr o 2º Congresso do Mundo Português, ou seja o Con-

gresso de História Medieval. A presidência era dada ao Dr. António de Vasconcelos que nunca apareceu; quem abriu as sessões foram os dois presidentes das secções o dr. Paulo Merêa e o dr. Damião Peres.

Ora ontem, na 3ª e últª sessão, coube-me a vez de apresentar a mª tese sobre Nunalvares. Presidia, por ironia do acaso, o catedrático espanhol, creio que de Madrid, Luis G. de Valdeavellano que ouviu atentamte e atenciosamente a leitura da tese O sistema de Nunalvares.

Li e, no quadro preto, exemplifiquei os assertos. Não tive opositores. Somente o dr. Fernando Correia e o velho professor Barros e Cunha, no final, fizeram perguntas e tiveram palavras amaveis. O próprio presidente, encerrando, disse que lhe parecia bem a mª interpretação e confessou que nunca vira ou ouvira encarar esses problemas por tal modo.

O dr. Paulo Merêa, no final, ao fechar a sessão e o congresso, teve também ligeiras palavras amaveis para a unica tese ou comunicação apresentada pessoalmente ao Congresso sobre historia militar.

E pronto.

E agora, nota curiosa: as unicas noticias que vi em jornais acerca da minha

intervenção no Congresso foram estas duas que aí ficam; os outros jornais, incluindo os de Coimbra, guardaram o melhor silencio...

A' terceira e ultima sessão do Congresso presidiu o congressista espanhol sr. dr. Luiz Valdeavellano

As 16 e 30, realizou-se a terceira e ultima sessão do Congresso, sôbre a presidencia do sr. dr. Luiz Valdeavellano, de Barcelona.

O sr. coronel Belisário Pimenta apresentou a comunicação «O sistema de Nuno Alvares», sôbre a qual falaram os srs. dr. Luiz Valdeavellano, dr. Fernando Correia; e dr. João Gualberto de Barros e Cunha, professor jubilado da Faculdade de Letras.

(D'O Seculo)

A sessão de encerramento

A terceira e ultima sessão principiou ás 16.30, sob a presidencia do professor espanhol dr. Luiz Valdeavellano. O sr. coronel Belisário Pimenta apresentou uma tese sôbre «O sistema de Nuno Alvares», que foi muito apreciada.

Do Diario de Noticias

Tenho notado esse silencio a meu respeito e confesso que o não sei explicar. E' possivel que tenham razão; eu é que a não encontro nem tento encontrar.

E quanto a este silencio... talvez fosse melhor assim.

Coimbra:

Julho: 16.

Agora surge novo congresso, o VIII, ou seja o de Historia da actividd.e cientifica portuguesa, com séde em Coimbra e entregue á Universidade p.ª sua organização. A Universid.e por sua vez entregou o encargo ao Dr. Joaquim de Carvalho, nomeado, por isso, presidente.

Ora ha dias recebi um oficio da Comissão Nacional dos Centenarios, assinado pelo Dr. Carvalho, no qual me convida e desta vêz oficialmente, para colaborar no dito Congresso. Confirma assim o convite feito com caracter particular, ha mêses, de que aqui tratei no dia 8 de Março deste ano, a pag. 263 do volume.

Estava persuad.º de que o dr. Carvalho se esqueceria como m.tas vezes lhe acontece. Mas vá lá! desta vez não se esqueceu e o convite veiu em termos claros e honrosos com o pedido de «uma "memoria ou comunicação acerca dos es-"tudos que V.... tão notavelmente cultiva.»

Respondi com esta carta:

«.... — Recebi o oficio de V.... datado de 10 do corrente e agradeço muito reconhecido o convite que se dignou fazer-me p.ª colaborar nos trabalhos do Congresso de Historia da activid.e cientifica portuguesa. Não sei se deva aceitar desde já o convite, dada a responsabilid.e da colaboração.

Penso, contudo, que não seria descabida uma pequena memoria subordinada ao titulo: Esboço da evolução das ideias militares em Portugal por ser, me pare-

ca, novidade e poder possivelmente interessar á finalid.^e do Congresso a que V... por muitos titulos, tão justamente preside.

Se fôr capaz de realisar o modesto projecto aceitarei, então, o encargo e terei muita honra em remeter a V... no devido prazo, o original dactilografado.

E renovando os meus agradecimentos e fazendo votos pelo exito do Congresso, etc. »

Coimbra:

Julho: 25.

O abade do Baçal, Francisco Manuel Alves, escreveu-me a pedir opinião acerca do Conde de Castelo Melhor e Joane Mendes de Vasconcelos q. foram governadores das Armas em Traz-os-Montes durante a guerra da Restauração.

Está a fazer qualquer trabalho comemorativo e quer saber o que eu penso. E aqui está um pedido que me deixou embaraçado pois uma opinião sobre aqueles dois generais não é tão facil de dar como parece. E demais a mais p.ª quem é.

Mas enfim, matutando, resolvi responder cautelosamente e mandei-lhe carta que foi m.^to rascunhada e q. deixo a pag. 147, com o n.º 162, no livro respectivo.

E lá foi.

Coimbra:

Julho: 29.

Duma carta que hoje escrevi ao Ferreira Lima, deixo aqui o seguinte extracto para memoria:

«... Creio ter-lhe dito que me proponho a um Esboço da evolução das ideias militares em Portugal. E' talvez atrevimento, mas já que cheguei a velho sem ser atrevido, faço-me, agora, audacioso... E lá vai a comunicação!

«A que apresentei ao II.º Congresso acerca de Nunalvares parece ter agradado apesar do ambiente ser muito catedrático e eu nem ter, ao menos, carta de bacharel... E para cumulo de concessões e amabilidades, o auditorio, quasi todo de capelo e borla, deu no final uma salva de palmas. (Oh manes de D. Diniz e de Dom João III!)

«Se houver possibilid.e gostava de lhe ler, antes de entregar, o Esboço da evolução das ideias. Sei que é maçada, mas... Verá que se encher de paciencia para a audição.»

O que vale é que a oportunid.e não chegará e o Ferr.a Lima livra-se do enfado

da audição. O trabalho ainda é extenso e sempre levaria algum tempo a ler. Será essa parte.

Coimbra:

Agosto: 4.

Lá foi outra carta para o Pires Monteiro. É um nunca acabar!

Ver a carta nº. 163 a pag. 249 do volume respectivo.

Coimbra.

Agosto: 10.

A viuva do dr. Alberto de Oliveira enviou-me uma bela fotografia do marido em trajo rico de diplomata. Dizia-me na carta que juntamente escreveu que calculava o meu interesse pelo retrato.

Na verdª. gostei da lembrança e, até certo ponto, sensibilisou-me. Não esperára essa atenção da viuva que, embora atenciosa, encontrei sempre com ares de altivez e alguma sobranceria.

Mas enfim, teve esta atitude que me agradou e que agradeci logo com uma curta carta mas que traduzia bem o meu agradecimento. Vá lá! nem sempre devemos julgar mal dos outros.

13

Coimbra:

Agosto: 13.

O Raul Proença volta a insistir na m.ª colaboração. Se bem que as cartas são claras, há contudo nelas qualquer coisa de desconexo que me deixa duvidas acerca da sua completa cura.

Respondi hoje. Ver carta 164 a pag. 251.

Coimbra.

Agosto: 17:

Mandei hoje ao Raul Proença os originais para o Guia de Portugal: o da noticia sobre Miranda do Corvo e o do caminho p.ª a Pampilhosa da Serra, desde a Portela de Gois.

O primeiro foi todo escrito agora, se bem que repisando passos já publicados aqui e alem; o segundo é, mutatis mutandi, repetição duma descrição da viagem que em 1908 fiz com a junta de inspecções aquela vilaria escondida entre serras e em parte publicada em folhetins num jornal O Serrano aí por 1911.

Amavelmente, roguei ao Proença me dissésse se os originais estavam em harmonia com os planos do Guia, para os alterar ou emendar.

Coimbra:

Agosto: 20

Mandei hoje p.ª o dr. Joaquim de Carvalho o original da comunicação para o VIII Congresso a que chamei Esboço da Evolução das Ideias Militares em Portugal.

Ficou, talvez, um bocadinho maior do que o previsto; mas farei umas conclusões p.ª facilitar a consulta — se, no próximo Congresso alguem se preocupar com o assunto.

Todavia... sempre é barro que se lança á parede.

Coimbra

Agosto: 24:

Hoje foi carta joco-séria para o Bivar Salgado. Não valeria a pena deixar copia; mas, francam.te, é banalid.e que não deixará de ser curiosa, lá mais p.ª deante, se eu teimar em viver.

Um dia, no futuro, a leitura destas bugigangas talvêz me dê prazer. Porque não as deixarei registadas?

Aí ficam, pois, mais ou menos correctas. E esta q. hoje foi para o velho Salgado, ficou com o n.º 165, a pag. 252 do respectivo volume.

Coimbra

Agosto: 28.

Ontem encontrei o medico Manuel Gersão que, bastante á pressa, me contou o caso da sua preterição como director da Tutória de Coimbra. Em mal tive tempo de lhe dizer duas coisas mas hoje resolvi mandar-lhe uma carta.

Essa carta que poderei classificar de sentimental fica, p.ª memoria, copiada. Tem o n.º 166 e ficou na pag. 255 do muito falado vol.ª de epistolas.

Paz (Mafra):

Setembro: 6

Nova carta ao Pires Monteiro. Trata-se mais ou menos do congresso que se ha de reunir em Coimbra e da representação da Revista Militar.

Cá fica copiada. P.ª lembrança não deixa de ser curiosa. N.º 167, pag. 256.

Paz (Mafra)

Setembro: 20.

Mais uma carta... Esta é para o meu condiscipulo Agostinho Barreto de Oliveira a quem prometera noticias. Como dá indicações acerca dos meus trabalhos e certas notas pessoais, cá fica

copiada no lugar proprio a pag. 258, com o nº. 168. Ainda me poderá servir de consolo, mais tarde, ao reler tais desabafos.

Lisboa.

Dezembro: 26

Mandei hoje um oficio á Associação dos Arqueologos preguntando se aceitam as insignias associativas que pertenceram ao fundadôr, Joaquim Narciso Possidonio da Silva, insignias q. ele usava nas solenidades sobre a farda de academico.

Esperêmos a resposta.

Lisboa:

Dezembro: 29.

Ontem, no Diario de Lisboa, nas noticias das ultimas manobras na região do Cartaxo, vinha uma gravura que é verdadeiramente psicologica.

O major-general do Ex.to, o Carlos Maria Pereira dos Santos, com todo o seu aprumo e prosapia, expõe ao Carmona e ao Salazar qualquer coisa acerca dos exercicios. Vê-se bem que imagina ser alguem e q. pelo aprumo fisico e imponencia de atitude impressionaria o Ditadôr.

A gravura aí fica p.a memoria. E' ver com atenção a fisionomia do Salazar, bem

16

C-38

O Chefe do Estado e o presidente do Conselho, à sua chegada ao Cartaxo, conversando com o major general do Exército

reveladora de que o observa com curiosidade e no íntimo deve estar a formar juízo exacto, isto é, a calcular exactamente o que aquela imponência quer dizer.

Pobres Víteres!... Pobres generais!... Vivem na doce ilusão de que são alguém

e de que são eles que ocupam as atenções dos outros — quando afinal pouco mais são do que balões cheios de vento!

Adeante.

Paz, Mafra:

Outubro: 19.

Há tanta coisa que dizer aqui, a sós com o papel branco! E eu a deixar correr o tempo sem vontade de o fazer...

Hoje lá mandei ao Lourenço Chaves Almeida uma carta com impressões do momento. Registei-a p.ª, até certo ponto, suprir a falta do diario.

Lá está com o n.º 169 a pag. 261.

Paz, Mafra:

Outubro: 22:

Novamente recorro á epistola. Sempre vai dando conta do q. faço e do que penso. Hoje é para o Pires Monteiro e deixo-a aqui p.ª não estar sempre a recorrer ao «livro respectivo.»

Diz a carta:

«... Ainda aqui estou, por meu mal, preso a pequenas obras inadiaveis. Aqui recebi o seu cartão de 14, devolvido de Coimbra p.ª onde não sei quando irei.

«O tempo, agora, tem mau cariz e a aldeia começa a ser inabitavel; e estou a desejar o dia em q. o comboio me leve a m.ª casa.

«Não sei se leu nos jornais que na Biblioteca do convento de Mafra, o director organizou uma curiosa exposição de livros militares, contemporaneos e anteriores á organização da mesma. Entre eles ha raridades e todos são de valor e alguns do tempo da Guerra da Restauração.

«Creio que será desconhecida a existencia de tais especies e o director mostrou vontade de publicar a relação dos livros expostos em qualquer revista para conhecimento de quem se interesse por isso. Eu disse-lhe que, possivelmente, na Revista Militar ficaria muito bem a nota da exposição e fiquei de falar no assunto a quem de direito; por isso aqui fica a sugestão que me parece oportuna, tanto mais que o director da revista Infantaria (que está na Escola fazendo qualquer curso) prometeu dar as suas impressões na publicação que dirige.

«E seria conveniente que a nossa Revista (me parece) não ignorasse um acontecimento cultural como este e que especialmente interessa á classe.

«Que diz a isto? Aqui fica a ideia que, traduzida em espaço, na Revista, não irá além de 3 páginas ou 4 quando muito. Se assim entenderem, ou me diz a mim qualquer coisa ou a Revista pode dirigir-se ao director da Biblioteca solicitando a nota referida.

«Gostei de ver a exposição que fecha hoje; e fiquei com pena de ignorar a existência, aqui perto, de tais livros, pois já os teria consultado nos periodos em que venho por estes sitios. E alguns, que excelentes p.ª o desenvolvimento da minha comunicação sobre as ideias se um dia o tentar!

«E a proposito: o dr. Joaquim de Carvalho já mandou a m.ª comunicação para a imprensa. Alea jacta est! E' caso para desejar que a Fortuna ajude a minha Audácia. E com estas reminiscencias classicas, ponho ponto. De Coimbra darei mais noticias sobre o Congresso, logo que fale com o dr. Carvalho e saiba alguma coisa de concreto.

«Daqui, só direi que o vento sopra do Cabo da Roca e há chuva miúda aborrecida — e por toda esta terra parece cair a desolação. Sempre ao dispôr, etc.»

Paz, Mafra:

Outubro: 23.

No Diario de Noticias de hoje vejo o meu nome a servir de propaganda á Grande Enciclopédia Portug.ª e Brasileira de mistura com outros ilustres e não ilustres oficiais do exercito.

E' caso p.ª agradecer...

O pior, porem, é que os proventos são tão insignificantes que quasi não vale a pena ter o nome lançado para a Imortalid.e de cambulhada com tantos notaveis...

Guardei o anuncio que vai no fim do volume, a pag. 418.

Paz: Mafra:

Outubro: 27.

Hoje... lá vai mais outra — e está do tamanho da legua da Povoa.

E' para o Diogo Oleiro, de Abrantes. E' merecida, porque este individuo, durante a m.ª permanencia naquela terra, encheu-me de atenções e deferencias. Lá vai, mais ou menos literaria, mais ou menos faceta, conforme o meu estado de espirito ao escrever.

Fica no volume das epistolas, com o n.º 170, a pag. 264.

Paz: Mafra:
Novembro: 3.

Recebi ante-ontem um oficio do Dr. Joaq.^im de Carvalho, como presidente do VIII Congresso do Mundo Português, em que me pede o resumo da m.^a comunicação a que dei o titulo de Esboço da evolução das ideias militares em Port.^al.

No mesmo oficio, em baixo, por letra dele, escreveu: « Muito boa a sua memoria breve. Entreguei ha 3 dias, na Comissão Central, a copia dactilografada, etc. »

Será sincero?

Ver-se-ha.

Ora hoje, dia de todos os santos, com mau tempo e má disposição, lembrei-me de escrever ao velho companh.^o da Escola do Ex.^to Bivar Salgado. Ha m.^to que não sei dele e sempre vou desabafando, no papel, a fingir que estou bem disposto.

Lá ficou copiada a pag. 267, com o n.º 171, no tal celebre e celebrado volume.

Um dia, se alguem se lembrar de ler essa colectanea de cartas, muita risota fará rebentar! Que amontoado de bagatelas, de desabafos infantis, de coisas serias e de puerilidades!

Ficará, ao menos, como elemento para se avaliar como um cidadão pa-

atô pode ser muita coisa ao mesmo tempo e dar a impressão dum cesto de contradições.

Paciencia.

<u>Paz</u> : <u>Mafra</u> :

Novembro : 3

Mandei p.ª a <u>Revista Militar</u> um exemplar do meu opusculo <u>O Problema dos Comandos na Guerra da Restauração</u> e a noticia ~~[illegible]~~ bibliografica que é costume fazer-se a respeito das obras oferecidas foi escrita pelo general Teix.ª Botelho — o que representa p.ª o autor, certa atenção.

A nota vem em termos m.to amaveis e está feita com m.to acerto. E' claro que tive de lhe agradecer em carta que hoje foi p.ª o correio — na qual repito o mesmo bordão a respeito de largo estudo que penso sobre o mesmo assunto.

Ora p.ª que digo eu estas coisas se não sou capaz de fazer esse grande trabalho? Afinal ando-me a iludir e a iludir os outros ou então a fingir ~~[illegible]~~ de grande escritor de historia...

Não digo que me não falta vontade, isso não; mas a verd.ª é que o tempo vai passando e a respeito de obras... é o que se vê.

Coimbra

Novembro: 15.

Ao regressar a casa, encontrei o presente mt.º agradavel dos cinco primeiros volumes das obras comemorativas do duplo centenario publicadas pela Academia Portuguesa de Historia.

Não sei a quem devo tal obsequio. A oferta é importante e, pelo visto, continuará. Lá dentro da Academia ha gente conhecida, mas qual será o da lembrança?

Enfim, fiz um oficio de agradecim.to ao Secretario Geral que hoje mandei, até ver se descubro o autor da munificencia. Porque, realm.te, o caso quasi se poderá chamar munificencia.

Coimbra:

Novembro: 18

Hoje foi carta erudita para o bom do Ferreira Lima acerca do Gonçalves Dias. De vez em quando, os meus verbetes são como qualquer arquivo: recorrem a eles como salvaterio. E o que é curioso é q. já tem acontecido valerem como escritura a mt.º boa gente e até a muito má gente... Mas, enfim, não me arrependo de servir a má gente: tambem são filhos de Deus...

Ora bem. A carta para o Ferreira Lima é a nº 172 e fica a pag. 272 do volume das epistolas.

Coimbra:

Novembro: 24.

Terminou ontem o Congresso da História das Actividades Cientificas dos Portugueses.

Insinuando varias coisas ao dr. Joaquim de Carvº consegui que no Congresso se representassem a Escola do Exercito, a Escola Naval e a Revista Militar que tiveram, na Universidº, honras de gente — com certa animosidade de alguns lentes e com grande gaudio meu...

Na secção dos estudos militares, eu ia sendo esquecido, não sei se propositadamente por parte dos secretarios da mesma, se por mª culpa. Mas na sessão de 23, a de ontem, que era a ultima, lá arenguei conforme podia e sabia, sob a presidencia do dr. Pacheco de Amorim.

No começo da arenga não deixei de acentuar o facto de ficar para o fim e de me darem poucos minutos; cheguei a dizer que o rabo era, na verdº o pior de esfolar e certamente iria ser aborrecido quando todos se quereriam ir embora...

Ouvi alguns discretos "não apoiados!„ e resolvi, perante a amavel afirmação do presidente:

— Tem Vĕa. o tempo de q. precisar... atacar a comunicação sem me preocupar muito com a falta de tempo.

Arenguei cerca de 20 minutos, mas notei que era ouvido com atenção até pelos estudantes quer rapazes quer raparigas que quasi enchiam a sala. O Pacheco de Amorim, com o eterno sorriso, parecia interessado; e quando acabei, a seguir ás palmas do estilo, o dr. Vicente Gonçalves que me antecedera e que, com a larga e demasiadamente extensa comunicação me tomára o tempo, veiu logo direito a mim, sem me conhecer pessoalmente, pedir desculpa da demora que causára e que evitára o prazer de me ouvir por mais um bocado... Assim falou um catédratico de Coimbra p.a um pobre mortal.

E no fim de contas, vieram todos quasi penitenciar-se. O proprio Dr. Pedro José da Cunha, presidente da secção, quasi pediu desculpa de me deixar p.a o fim; e como creatura muito batida e usada em casos semelhantes, disse-me duas amabilidades — das graúdas.

Não sei se seria triunfo, mas foi, com certeza bofetada. E' possível que eu tivesse alguma culpa; mas quero crer que houve certo coeficiente de má vontade por parte do secretário da secção que julgo esteve a cargo do dr. Mario Silva.

Enfim, não sei. E como não sei, não afirmo e deixo o problema para a História resolver se ela entender que valha a pena resolve-lo... E adeante.

Os jornais de Lisboa deram notícia resumidissima, assim como os do Porto. Dos de Coimbra, só o Diario falou mais pormenorizadam.te; os outros, guardáram silencio prudente — e foi melhor assim.

O extracto do Diario de Coimbra ficou guardado no final do vol. a pag. 420.

Coimbra

Dezembro: 19.

A Revista Militar, na ultima sessão de direcção, congratulou-se com o exito da missão dos seus representantes no Congresso das Actividades Cientificas e ao mesmo tempo, como recompensa, lançou na acta um voto de louvor e reconhecimento aos mesmos.

Recebi, pois, um oficio amavel do general Teix.ª Botelho comunicando-me

aquela resolução e agradecendo, no estilo academico mais usado, a m.ª interferencia no Congresso e o prestigio (sic) que eu dei à representação, etc.

E' claro que tive que agradecer em officio tambem em estilo academico, o que mesmo é dizer: em estilo chôcho, vasio, apenas cheio de cortezia.

Ora se tudo isto não é cabotinismo, não sei que nome dar-lhe.

— 1941 —

Coimbra:

Janeiro: 20:

Comecei hoje a escrever a minha grande obra sobre Miranda do Corvo, isto é: a querer coordenar, mais ou menos em forma de monografia *sui generis*, a vasta e complicada serie de notas, verbetes e documentos q. amontoei de 1912 relativos aquela malfadada terreóla.

Bem mal empregado tempo!

Contudo, seria para pôr de lado e abandonar tanto material carreado com paciencia e, vá lá! com certo amôr. E eu tendo parte correspondente a um volume, oficiarei á Camara Municipal pondo a questão com clareza: quer ou não quer subsidiar a obra monumental que lhe ofereço? Se quer, m.to bem. Se não quer é possivel que eu me abalance á empreza de a publicar — para ter o prazer de amarrar as edilidades mirandenses á troça e desprezo das gerações futuras.

E' um prazer muito caro, diga-se a verdade; mas, ao menos, a obra ficará

sendo, á maneira do dito de Eça de Queiroz, « um muito formoso calhamaço. Muito formoso! »

Coimbra:

Janeiro: 28.

O meu condiscipulo Agostinho Barreto de Oliveira passou á reserva. Não o promoveram a general porque não é creatura de cortezias nem é facil de manejar. Por consequencia, o ilustre Conselho que superintende no assunto passou por cima dele varias vezes. Daqui a resolução da passagem á reserva.

Escrevi-lhe, como devia, uma carta de solidaried.e. Fica na pag. 275, com o n.º 173 do volume respectivo.

Coimbra:

Janeiro: 31.

Hoje vai nova carta. E' para o Bivar Salgado e não tem nada de importante que mereça cuidados. Fica porem copiada porque não só conta impressões pessoais como tambem pelo tom faceto que lhe dei e que o Salgado aprecia amavelmente.

E lá vai para o vol.e respectivo com o n.º 174, a pag. 277.

Paz, Mafra
Março: 4

Aqui estou, sem o esperar. O ciclone do mês passado assim o quiz, e o tempo mau e as consequencias do fenomeno assim o queram.

Escrevi ao Armando Macedo dando impressões do momento. Eis a carta q. verd. verdade não sei se vale a pena deixar registada:

«... Aqui estou, ha oito dias neste retiro a que, apesar do nome, não posso verdadeiramente chamar espiritual... E' muito dificil encontrar espiritualidade neste deserto habitado por saloios, a ouvir constantem.te o vento a assobiar e a rodipiar, como nos versos do Lopes Vieira, e á volta terras negras encharcadas onde passam vacas e burros em busca de herva para comer. E se eu, por momentos, pensásse em te dar impressões com carta amerid.a de humor, teria que fazer maiores esforços que o ilustre professor Filoff para justificar a ingenuidade da entrada dos alemães na Bulgaria.

« Aqui estou, pois, ha oito dias, assistindo ao curar das feridas. A derrota das nossas arvores foi superior ao valor das

propriedades. Ao ver eucaliptos de 15.m de altura amarfanhados no chão, eu lembrei-me de recitar os trênos do Rebelo da Silva á quéda dos Impérios que nós, ha cerca de 50 anos (não sei se te lembrarás) liamos e analizávamos nas aulas de Português.

«E para me não deter em espiritualidades, mandei chamar serradores para os reduzir a porções manejaveis. Sempre a remoção dos mortos para não estorvarem os vivos!

«O que vale é a grande faina agricola: batatas para um lado, cebolinho para o outro; enxertos de pereiras lá ao fundo da fazenda e convite, cá ao cimo, a umas oliveiras que foram no vigario do ciclone, para se fixarem novamente no mesmo sitio onde estavam, ha muitos anos, sem ninguem as seduzir. E', como vês, excelente intermezzo para um maduro como eu que só vê os primores da Mãe Natureza através dos papeis velhos — e não os quer ver nestas lombas agrestes e desabridas onde pastam vacas e burros e onde o vento baila e rodipia que é mesmo uma consolação.

«Não sei (ai de mim!) quando largarei estas paragens prosáicas e as trocarei

C-40

por Lisboa; é possivel que breve, logo que os serradores dêem conta do serviço — e então poderei celebrar as belezas da Torre do Tombo e do Arquivo Militar, onde o cheiro a bafio é superior ao da murta e ao da giésta destes montes. E aqui me tens embebido em Paulo de Kock e em Gervasio Lobato, unicos alimentos para o espirito que encontro e que (vá lá!) até certo ponto me divertem enquanto a pituitaria não se consola com o mófo dos arquivos.

«Meu caro Macedo: cumprimentos nossos, etc.»

<u>Lisboa</u>:

Abril: 10.

Hoje, as novas da guerra são, simplesmente, desconsoladoras. Nos Balcãs o descalabro parece proximo; os Ingleses não mediriam bem o problema como tantas vezes lhes acontece, quasi sempre tardios nas resoluções.

O que estará reservado á Humanidade, pobre Humanid.e que ha seculos luta pela vitoria da Inteligencia? O que nos estará ainda reservado, pobres mortais que confiam nos Principios?

E por essa Lisboa, na população buliçosa, ha alegria; corre-se aos divertimen-

tos; olha-se para os transparentes dos jornais e segue-se o carrinho como se o q. se leu fosse qualquer noticia banal. Parece haver uma indiferença completa, como se por essa Europa se não estivesse a jogar a sorte do Homem livre ou do Homem escravo.

O que será do Mundo?

<u>Lisboa</u>:

Abril: 15.

Recebi um oficio da Associação dos Arqueologos Portuguezes, solicitando-me a apresentar a minha candidatura.

Como se vê, as honras chegam tarde... No primeiro impeto, tive vontade de devolver a proposta: que fossem para o diabo que os carregue!

Isto tem, contudo, explicação: ha tempo, fui á Associação fazer entrega do colar associativo do fundadôr, conforme oferta feita pelas netas e a que, creio, me referi aqui nestas notas. Conversando com o secretario geral, o Machado Faria, e o Gastão de Melo de Matos presente na ocasião, chegou-se á conclusão de que a familia do arqueitecto Possidonio da S.ª não tinha representante no instituto que fundára com tanto empenho. E os dois, olhando um

para o outro, disseram que eu poderia ser o representante.

Aqui está a origem da solicitação; e a origem do meu impeto indignado é o ver que não me propozeram por mim ou por qualquer merito que me encontrassem, mas simplesmente por ser casado com a neta do fundadôr.

Mas... deixando passar o impeto e falando no caso do Ferreira Lima no Arquivo Historico, este agarrou na proposta e assinou logo no logar dos proponentes.

Emfim, vou ser socio da Real Associação dos Arqueologos.

Vamos lá a isso.

Lisboa:
Abril: 22.

Lá mandei hoje, com um oficio, para a Associação dos Arqueologos, a minha proposta para socio. O Ferreira Lima quiz ser o mesmo amigo de sempre e encarregou-se de pedir as duas assinaturas q. faltavam. Lá foi com oficio amavel como se eu me sentisse muito honrado com a distinção.

Mais uma mensalid.e para pagar e qualquer outro encargo q. sobrevenha — pois que poderei eu fazer como socio

se não sou arqueólogo e não estou para os aturar?

Lisboa:

Abril: 28.

Hoje, no Primeiro de Janeiro, do Porto, vem a notícia curiosa que aqui fica e que é prova bem clara do caminhar dos tempos. E o jornal apenas comenta a notícia com o cabeçalho: Revivendo o passado...

Revivendo o passado...

CASCAIS, 24—Ultimamente a Camara Municipal procedeu a várias modificações de nomes de ruas. Assim as de José Elias Garcia e Rodrigues de Freitas passaram a ter as antigas denominações, respectivamente, de Frederico de Arouca e da Saudade.

O passeio Candido dos Reis passou a ter a antiga denominação de Rainha D. Maria Pia. A avenida da Republica, compreende-se agora sómente a parte que vai da Cidadela até á estrada da Guia, a restante parte, desde o largo 5 de Outubro até á cidadela passou tambem a ter a antiga denominação de «D. Carlos I».

Isto deveria escapar à censura; esta não viu, segundo me parece, a ironia que é bem clara: revivendo o passado... E demais a mais com reticências. Não está mal achada...

Lisboa:

Maio: 22:

Escrevi carta para o Salvador Pinto da França que continua chefe do Estado-maior em Coimbra. Deixo-a copiada porque traduz certas impressões do momento e re-

fere sucessos correntes q. não perdem em ficar lembrados.

Está no vol.e respectivo, a pag. 281, com o n.o 175. E assim as cartas não suprirão estas notas do diario pois sempre traduzem, mais ou menos, o estado de espirito em que estou.

Lisboa:

Maio: 31.

Acontece que uma comissão de amigos do Alvaro de Castro a que preside o general Sá Cardoso, vai tentar publicar um In Memoriam e fazer um busto para ser colocado em Lourenço Marques creio que no atrio de entrada dum Museu-Biblioteca que aquele fundou quando lá foi governador.

Fui convidado para colaborar no In Memoriam e para contribuir p.a o busto. Quanto á colaboração literaria, mandarei um capitulo de memorias, do tempo em q. o Alvaro foi meu companh.o em Infantaria 23, ambos alferes. Quanto á contribuição p.a o busto é que é mais serio porque não poderei dar centenas de escudos como naturalmente os outros dão.

Tive hoje de escrever ao general Sá Cardoso, desculpando-me do meu silen-

cia; e aproveitava a oportunid.ᵉ para
lhe dizer: «... receio não poder corres-
"ponder, com a m.ª contribuição literá-
"ria no In memoriam aos desejos dos
"seus promotores; como receio tambem
"que a m.ª contribuição pecuniaria esteja
"abaixo do que as intenções de Vex.ᵃˢ com
"toda a justiça aspiraram.» E depois, acres-
centava: «... não quero faltar á chamada
"tanto mais q. essa atitude corresponde
"evidentemente a uma afirmação que não
"desejo ocultar.»

E assim, com as desculpas, mandei amabilidades misturadas com solidariedade. Uma embrulhada mais em q. me meteram, talvez por influencia do Pires Monteiro — que é o homem das boas intenções.

Caldelas:

Setembro: 6

Desde Maio que o diario deixou de ser diario... Quasi abandonei estas minhas notas em que tanto me comprazo. Não sei explicar; e como não sei explicar, o melhor é passar adeante. Nada de invenções.

Tres meses e tanto sem escrever sequer uma linha! E a verdade é que ha

sempre que dizer. Pouco que seja, há sempre uma ou outra impressão para registar.

Mas que hei-de eu fazer? A minha vida actual não dá para mais.

Aqui estou em Caldelas, local tão do meu gosto — e sem ser capaz de deixar qualquer nota de interesse.

Para não passar em branco este periodo, fica apenas um extracto de carta que mandei hoje para m.ª Filha:

«... Cá estou neste paraiso verde como dizes. Porem, se é realmente verde e talvez mais verde ainda com o alargamento das culturas e das matas, o que me parece é que já não é, verdadeiramente paraiso. Para isso falta aqui o completo esquecimento do que vai alem dos montes que avisto, isto é, do q. ficou dos cuidados e preocupações insistentes.

«Não sei se é efeito da velhice, mas isto não é já bem o que foi nos primeiros anos se bem q. me sinta á vontade. Como é natural estou quasi sempre só; leio, aos bocados e olho a paisagem que está sempre com a mesma aparencia emoliente ou sedativa, como dizem os

medicos. Por vezes, converso; e por intermedio do poeta Campos de Figueiredo travei relações com o dr. Antonio Salgado J.or e o dr. Delfim Santos, futuro professor de Letras em Lisboa ou talvez em Coimbra. São dois doutores de capelo, de certa categoria mental cuja conversa traz, para auxiliar a cura das circunvoluções intestinais, certo arejamento das circunvoluções do cerebro.

«Com elas conto ir á Quinta da Tapada, a 3 K. de Caldelas, ver os sitios onde o cheiro da canela fazia choramingar o pobre do Sá de Miranda.

«Enfim, ainda por cá andarei até aos fins da prox.a semana; depois lá irei ter, não sei se melhorado da saude, mas aliviado eficazmente da bolsa.

«A tua Ana Maria está optima, segundo as noticias; vamos a ver, etc. etc.»

E aqui está, até hoje, ao que se resumem as m.as impressões de Caldelas.

Caldelas:
Setembro: 8.

Como vem nos jornais a noticia da nomeação do Vitorino Nemesio para professor da Faculd.e de Letras de Lisboa, man

dei-lhe uma carta de felicitações, mas carta quasi cerimoniosa, por causa das duvidas.

O homem subiu; é capaz de, agora, já não olhar m.to para baixo.

Vamos a ver. Tudo pode ser.

Paz, Mafra:
Setembro: 26.

Por curiosid.e deixo aqui uma carta q. escrevi ao Fernando Silva. Fica para documentar o meu interesse pelos estudos historicos feitos com ineditos e tambem p.a documentar a indiferença dos actuais possuidores do arquivo da casa Fronteira — pois quero crer q. esta m.a carta não terá resposta condigna.

Aí vai ela:

«... Não me esqueci ainda da visita que, por sua intervenção, fiz em junho passado, ao palacio Fronteira; e dessa visita ficou-me mais fixamente lembrada a impressão sentida na esplendida biblioteca.

«Não fosse a pressa do dr. Cassiano Neves e a consulta que o dr. Hernani Cidade fazia aos Mss., eu teria ficado mais tempo, vendo com mais vagar as estantes cu-

de, de relance, perceli obras raras e levaria a m.ª curiosidade aos Mss. se isso me fosse consentido. Sabe o Fernando quanto eu aprecio tais assuntos e só o mêdo de molestar quem amavelmente me acompanha, me levaria a não ficar horas esquecidas.

«Ora isto vem a proposito do seguinte: fui informado de que, entre os Mss. da livraria Fronteira ha muitas cartas do marquês de Alorna, relativas á campanha de 1801, tão pouco conhecida e tão mal estudada; e eu estou precisam.te estudando essa campanha com elementos desconhecidos que encontrei em Coimbra. E como as cartas a que me refiro estão ineditas, seriam mais uma valiosa contribuição p.ª o trabalho que intento.

«Quererá o Fernando, mais uma vêz, ser o intermediario junto do seu amigo conde da Torre para que eu possa consultar essa colecção epistolar?

«Não sei quando irei a Lisboa com vagar; mas lembro-me de lhe falar no assunto desde já para (sabendo se beneficiarei do favor do conde) não continuar com o trabalho da campanha sem a consulta desejada. Aqui fica a minha sugestão. Se o Fernando estiver para isso, um

dia que possa saber do conde se autoriza ou não — era p.ª mim grande favor e talvez utilidade para a História.

« Tenha paciência com mais este incómodo, mas não calcula como me seduz a ideia de que poderei ver as cartas, tão notaveis são e tantos elementos novos podem trazer!

« Cumprimentos, etc. »

Isto deve ficar sem resposta. O conde da Torre, actual representante da casa dos Fronteiras, é quasi analfabeto e pouco mais trata do que cavalos. De modo q. o meu pedido será recebido com alguma objurgatoria de cavalariça e ... pronto.

Paz. Mafra.
Setembro: 27.

Hoje, duas cartas: uma para o Pires Monteiro outra para o Ferreira Lima. Ambas extensas e sem importancia por aí alem. Apenas aqui ficam extractos que mais interessam: de uma por ser critica creio que justiceira a um trabalho dum general; da outra por dar certas indicações a respeito dos meus planos de historiadôr amadôr. E já não vai mal p.ª notas auto-biograficas...

Segue o extracto da primeira, para o Pires Monteiro:

«.... Cá espero as provas do meu artigo Salazar que não demorarei. E a proposito: Viu impetos de comentar na Seára Nova o artigo do Morais Sarmento acerca das conferencias do Wawell?[1] Já se viu maior miseria intelectual? E' aquilo obra dum ex-major-general do exercito? E querem que o respeitavel publico tenha consideração pelo valor do generalato português? Teria sido preferivel para tal comentario, encarregar um furriel com o curso dos liceus e uns laivos de literatice... Com franqueza: o artigo dá não só a medida do homem como, em parte, a medida da epoca. O nosso generalato, bem espremido, não dá mais do que aquilo!

« Enfim! Que linda tarde que está! Daqui, deste lugar, vejo Sintra, onde o meu caro Arm.º repousa com justiça. Que o descanço lhe seja completo e util e que regresse a Lisboa cheio de boa vontade para aturar glossadores da força do Morais Sarmento... »

---

(1) Publicado na Revista Militar, no fasciculo de Julho de 1941.

Os comentarios ás conferencias do Wawell são na verd.^e uma vergonha. E ainda o piór é que na Revista entrepáram o trabalho ao Morais Sarmento pelo respeito que ha em relação á omnisciencia dum major-general.. O resultado viu-se.

Segue-se agora o extracto da carta p.^a o bom Ferreira Lima:

«... Comecei aqui a fazer o sumario em plano do meu trabalho sobre As ideias militares do marechal Saldanha. Emquanto pedreiros e carpinteiros batem compasso no telhado (que, por favor do ciclone de Fevereiro foi substituido) eu vou martelando, conforme posso, na reconstituição dessa curiosa figura de militar, mal conhecida como tal e apoucada á custa da politica.

«O que sairá, inspirado por tal concerto desafinado e, ainda p.^a mais, em terra de saloios? »

Na verdade, resolvi-me a tentar essa grande obra de reconstituir a figura imponente de Saldanha. Vamos a ver o que sái. E' certo que me podia dar para piór.

Paz: Mafra:

Outubro: 10.

O Instituto de Coimbra vai publicar o seu 100.º volume. E lembráram-se na direcção, naturalmente foi o Madaíl o da ideia, que tal facto se celebrasse com um volume especial em q. todos os socios colaborassem com um pequeno artigo.

A ideia não deixa de ser curiosa e nesse sentido recebi uma circular com convite amavel.

Aceito o convite e ~~[illegible]~~ hoje escrevi ao Madaíl que subscreve a circular em nome da direcção, informando de que em breve mandarei um pequeno artigo acerca do abade Correia da Serra baseado em dados ineditos.

Tratá-se, nem mais nem menos, da novidade seguinte: o Correia da Serra não foi para o estrangeiro á custa do bolsinho particular do duque de Lafões mas sim á custa dos rendimentos da Igreja de Miranda do Corvo. A generosid.e do opulento Mecênas foi grande por conta dos rendimentos que poderiam cair na algibeira do prior mirandense.

Manda, porem, a verd.e que se diga que foi melhor assim.

Paz: Mafra:

Outubro: 16.

Hoje vai carta p.ª Guimarães, ao Alberto Vieira Braga — amigo que conheci ha uns 10 para 12 anos e nunca voltei a ver. É, contudo, duma grande amabilid.ᵉ comigo e por isso entendo q. lhe devo pagar na mesma moeda.

Lá fica no vol.ᵉ respectivo, a pag. 283 com o n.º 176.

Fui ontem em Lisboa assistir a abertura do ano lectivo no Colegio Militar.

O Cristovão de Sousa Lima leu a oração de sapiencia na qual tratou da importancia do latim para a cultura geral. Estou convencido de que 98% dos ouvintes, quasi todos militares, se riviam para dentro com as teorias expostas.

Os jornalistas apanharam-no fotograficamente durante a leitura. Adeante fica o recorte, p.ª lembrança.

O director interino, um tenente-coronel Alvares Pereira, no discurso que fez ao abrir a sessão, exaltou a figura do Salazar a proposito da utilidade e do valor do Colegio, e não se esqueceu de dizer que o dito Salazar é estadista que todo o mundo civilizado admira e respeita.

Ora eu ouvindo misturar o patrão com a utilid.e e historia do Colegio fiquei-me a pensar se o fundadôr deste instituto seria o Teix.ra Rebelo, ha seculo e tanto, ou se seria o Salazar ... E' caso para se averiguar com cuidado, porque ás vezes a Historia arranja os seus carapetões e é muito possivel que este caso ande envolvido em trapalhada.

Ora pois.

O sr. alferes Cristovão de Sousa Lima lendo a «Oração de Sapientia» na abertura das aulas do Colegio Militar

Paz : Mafra :

Outubro : 18.

Mais outra carta para o Pires Monteiro. Este amigo obriga-me a constante epistolografia. E se lhe não escrevo a

merido, vem logo solicitamente saber se estou doente. E' um bom amigo, afinal; e ainda é dos poucos.

A carta merece arquivada. Fica com o nº. 177 a pag. 285 do respectivo volume.

Paz: Mafra:
Outubro: 24.

Já estou eleito socio da Associação dos Arqueologos Portuguezes! Uma honra para a familia...

Eu, arqueologo!

Estas coisas são, afinal, uma grande chuchadeira.

E' claro que tive que agradecer a comunicação oficial bem como ao Antonio Machado Faria, secretario geral da Associação, que quiz ter a amavel deferencia de juntar ao oficio uma carta congratulatoria.

Lá foram hoje: um oficio protocolar e uma cartinha amigavel.

E pronto. Estou arqueologo.

Paz: Mafra:
Outubro: 28:

Fica aqui apenas um extracto duma carta que tive de escrever ao Pires Monteiro — que combina a ser o açambarcador da mª. actividade epistolar.

Mas que lhe hei-de fazer? Volta e meia... o correio traz carta dele, sempre amavel. E eu tenho q. responder. Ora desta q. foi hoje fica só este bocado:

«... Restos de obras e espertezas da saloiada visinha, obrigam-me ainda a estar aqui, bem contra minha vontade. Isto não é atmosfera para mim; e aguento-me, sacrificando o meu desejo á vontade de toda a familia. [...] Aqui, pode dizer-se, estou inativo. Leio e pouco; e como esgotei as provisões de leitura, estou já limitado a rações de reserva de Paulo de Kock...»

Paz: Mafra:
Outubro: 31.

Hoje deu-me vontade de escrever ao Tomás da Fonseca. E escrevi. Lá foi carta de prosa ligeira, com bom humor, sem preocupações literarias.

Diz-me o Tomás que as m.as cartas são m.to apreciadas pela esposa, que as lê com atenção e lhes acha graça. Ainda bem. Esta senhora é pessoa ilustrada e inteligente; e tal opinião não deixa, evidentemente, de me ser grata — o que me obriga, é claro, quando escrevo ao marido, a ser

cauteloso na linguagem e o mais possível apurado na forma.

A carta lá fica, com o nº. 178, a pag. 288 do volume proprio.

Paz: Mafra:

Novembro: 6

Morreu no seu Negurio dos Tovins, além dos Olivais, o bom coronel Francisco Gomes.

Era um amigo e sincero. Desde 1913 ano em que vim para Coimbra, o coronel ficou realmente meu amigo.

Ultimamte andava decaído, adoentado, mas não previa a sua morte.

Era um homem sério e bom. A honradez e a bondª em pessoa. Pessoa sensata, de grande correcção nas suas relações e na sua vida oficial.

Velho republicano; com firmeza de principios, embora adoçada pela sua bondade que o levava ás vezes a transigir. Sempre, porem, com dignidade e aprumo. Homem, pois, de caracter.

Fiquei-lhe a dever muitas atenções e alguns favores. Até certo ponto, era um amparo moral quando o meu espirito precisava de sossêgo. E quantas vêzes o ouvi, com autoridade, a dar-me os seus conselhos amigos!

Faz-me falta, o bom coronel Francisco Gomes. Mais um arrimo que desaparece — e para sempre.

E os que ficam?...

Lisboa.

Novembro: 21.

Voltei hoje a escrever ao Alberto Vieira Braga, de Guimarães acerca das gravuras para o meu artigo relativo à retirada do marechal Soult em 1809.

O Ferreira Lima mostrou-me no Arquivo uma gravura de Bartolozi, com o retrato do general Pinto da Silveira, espécie talvez inédita, mas, pelo menos m.te pouco conhecida. Estava presente o Nogueira de Brito, crítico e entendido nestes assuntos, que declarou não conhecer reprodução. Aceitei, pois, a oferta e nesse sentido escrevi ao Vieira Braga p.a ele autorizar o Ferreira Lima a mandar reproduzir este retrato e ainda uma litografia que quer representar fantasiosam.te o combate de Salamonde.

Coimbra:

Dezembro: 13.

Mais outra carta. Esta é para o professor e escritor António Salgado Junior

com quem travei relações ha pouco em Caldelas. Prometi-lhe resto de revistas literarias do sec.º XIX que eu tivesse na minha biblioteca; ele precisa fazer um estudo acerca do movimento literario dos segundo e terceiro quartel do seculo visto atravez de publicações principalmente academicas.

Prometi-lhe... e confesso que com boa vontade de cumprir. O meu receio é deixar passar o tempo e as notas ficarem no tinteiro.

Vamos a ver.

Coimbra:

Dezembro: 14.

Por ser curiosa, deixo aqui a carta que hoje mandei p.ª a Grande Enciclopédia Luso-Brasil.ª:

«Acuso a recepção dum cartão-circular, sem data, ha dias chegado.

Quanto ao aviso «muito importante» a Empresa não perderá comigo porque uso ser pontual no cumprimento dos compromissos. Quanto ao convite para enviar nota dos vocabulos da letra "D" mando inclusa uma, apenas, com dois que naturalmente não serão aceites como

alguns propostos na m.ª carta de 3 de Dezembro de 1936.

Não desejo parecer que quero, á força, vender o meu peixe. Vão por isso só esses dois de que, aliás, não faço já grande empenho.

Com toda a consideração, etc.»

Coimbra:

Dezembro: 20:

Mandei hoje esta carta ao dr. Damião Peres, professor da Faculd.e de Letras e Director da Biblioteca da Universid.e:

«Ex.mo Sn.: No vol.º XI do Boletim do Arquivo Hist.º Militar saído ha pouco, vem a pag. 73 uma nota no começo do meu Catálogo e Sumario dos documentos de caracter militar existentes nos Mss. da Biblioteca da Universid.e de Coimbra que explica a interrupção da sua publicação por «certas "dificuldades na consulta dos Mss. nem "sempre em condições apropriadas de lei-"tura e de estudo.»

«Pessoa amiga fez-me ver que poderia dar-se um mal entendido na interpretação deste passo; e como concordei com a observação venho, com m.to gosto, dizer a V.Ex.ª que o passo se não refére ao pe-

riodo em que V.Ex.ª dirige a Biblioteca nem ao periodo em q. o sr. dr. Cesar Pegado ocupou o cargo de director da sala dos Mss. do qual só recebi atenções e auxilio.

«Com a maior consideração, etc.»

O caso era com o dr. Providencia e Costa que fez todo o possivel p.ª me amesquinhar; este cavalheiro é velhaco e como não quiz fazer questão, abandonei a Biblioteca até ele deixar de ser director. De começo não dei por qualquer má vontade e na m.ª boa fé ia o tempo passando; um dia, porem, dei pela marosca e quando me convenci de que o tipo me queria magoar, larguei o trabalho.

Seria preferivel ter-lhe ido ao focinho ou aos cornos — se os tem. Mas foi melhor assim.

Coimbra.

Dezembro: 23.

A Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães ofereceu-me o volume que publicou com a Correspondencia de Alberto Sampaio. É uma bela oferta que apreciei. Agradeci hoje, em oficio amavel, como devia. Aquela gente de Guimarães é, afinal, amiga. Sem nada me dever,

mantendo relações epistolares de tempo em tempo, nunca se esquece de mim para estas ofertas e atenções.

Nem tudo é mau por este mundo. Valha-nos isso.

A *Revista Militar* mandou-me um ofício com a informação de que tinha certa quantia para receber, correspondente á minha colaboração. Dá-se o caso, porem, que no ano que vai acabar eu não colaborei na *Revista*...

Como é que lá arranjaram remuneração p.ª serviços não prestados?

Respondi com os meus agradecimentos e solicitei o favôr de fazer entrar a quantia q. me creditaram no fundo disponivel da Administração. E assim, *elegantemente*, resolve-se o caso.

Ficâmos todos bem.

c-43

— 1942 —

Coimbra:

Janeiro: 24.

O ano já tem vinte e quatro dias e só hoje acordo para este diario! E ha cerca de um mês que nada escrevo.

E não é porque não haja assunto.

Ora vamos lá recomeçar.

E recomeço com uma carta ao dr. Salgado J.or. Prometi em Caldelas mundos e fundos; mas estou a ver que a promessa ficará em águas de bacalhau.

Mas enfim, lá vai a carta. E' a n.º 179 e fica na pag. 290 do vol.e respectivo.

Coimbra:

Fevereiro: 16.

Mais tres semanas sem lançar qualquer nota... Que diabo passará, agora, pelo meu espirito, para deixar passar o tempo sem me lembrar deste caderno?

Seja o que fôr.

Hoje, mais outra carta. O que vale são as cartas que sempre vão deixando uma ou outra impressão.

A de hoje é para o dr. Claudio Basto que não conheço pessoalmente. E porque será, tambem, que eu fujo de conhecer pessoalmente as pessoas que, por qualquer motivo, se notabilizam? Este é um deles.

A carta fica com o nº. 180, a pag. 291 do já cit.º volume. Trata do meu projectado Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo que gostaria de ver publicado na Revista Lusitana.

Coimbra:
Fevereiro: 18.

O dr. Claudio Basto foi pontual. Recebi carta informando-me de que aceita o Cancioneiro p.ª o prox.º volume da Revista Lusitana. Para corresponder á amabilid.e respondi hoje mesmo. Carta curta cuja copia conservo por me parecer curiosa como tipo de agradecimento... á minha moda. Lá fica no volume destinado ás epistolas, com o nº. 181 a pag. 293.

Coimbra
Março: 27.

Outro mês sem me dignar lançar neste diario qualquer nota! E continua a haver tanta coisa que comentar!

É certo que ando afadigado com o meu Camões e as artes belicas que quero terminar em breve. Mas mesmo assim...

Adeante.

Hoje venho lembrar que a Academia Portuguesa de Hist.ª continua a mimosear-me com as suas publicações. Agora vieram os vols. III e V dos Anais que hoje mesmo agradeci em oficio amavel.

É interessante que na ilustre Academia não me quizeram nem querem para sócio; mas oferecem-me as publicações todas como se o fosse.

Coimbra.

Abril: 8.

Carta para o Poeta Lopes Vieira. Como teve que ser rascunhada, por causa das duvidas, lá fica no volume proprio, com o n.º 182, a pag. 293.

O Lourenço Chaves Almeida é que me meteu nestas andanças com o Poeta. Com franqueza, passava bem sem isso; mas agora é aguentar e cara alegre. Tenho de ser amavel, sem cair na situação de atento, venerador e obrigado... Estes principes da Literatura gostam de ter á sua roda quem os corteje e adule. É natural e humano. Mas vamos a ver

se me arranjo sem enfileirar na clientela dos admiradores encartados e não encartados...

Coimbra:

Abril: 10.

Hoje deu-me para me fazer igual ou quasi igual ao António Sergio... Nem mais nem menos!

E' ler a carta que lhe mandei e que deixo aqui p.ª não deixar os creditos por mãos alheias:

«... Deve V... receber por este correio um folheto com a comunicação que apresentei ao Congresso da Actividade Científica dos Portugueses em 1940.[1] E', na sua linha geral, matéria nova entre nós, lançada um pouco por «amor dos problemas» e é possivel que um dia lhe dê desenvolvimento — quando poder ser.

« Por estas razões gostaria de saber a opinião de V... em quatro palavras que fosse. Terei eu direito a pedir uma coisa destas? Simplesmente para meu governo particular desejo saber o que V...

---

[1] Trata-se do meu Esboço da evolução das ideias militares em Portugal.

pensa e não por qualquer espinho de vaidade. Desculpará V... o pedido?

«O que posso, porem, afirmar é que sou, etc.»

Coimbra:

Abril: 22.

E agora segue-se nova carta. E para outro principe das Letras: para o velho condiscipulo do Liceu de Coimbra: o João de Barros que, segundo os jornais, se aposentou voluntariamente.

Carta simples, sem aparatos. Apenas cumprimentos que envolvem saudades de outros tempos. Ver no vol. respectivo, a pag. 294, a carta nº. 183.

Coimbra

Abril: 28.

Hoje, na Biblioteca da Universidª. o dr. Joaquim de Carvalho chamou-me para me fazer um pedido: quér a mª. colaboração numa revista regional que vai tentar publicar na Figueira.

Prometi colaborar.

Palavra puxa palavra, a conversa alargou-se e eu felicitei-o pela esplendida parte que tomou, em 18 deste mês, na comemoração do centenario de Antero do

Quental, na sala dos capelos. Foi realm.te uma oração curta mas incisiva, justa, precisa — perfeita, enfim. Contrastou brilhantemente com as frases oficiais do presidente da Associação Academica e do Reitor que quasi pediram desculpa de se commemorar o centenario dum homem que, naquela mesma sala foi irreverente e revolucionario varias vêzes... E contrastou com o proprio dr. Hernani Cidade que não teve a coragem de dizer o que sentia acerca de Antero e fugiu para o campo da poesia pura e procurou achar raizes do lirismo anteriano em certos poetas francezes contemporâneos.

O proprio dr. Joaquim de Carvalho a quem expuz esta impressão, me disse confidencialmente que o dr. Cidade tivera certa covardia (sic) de atacar o problema e não soube adaptar-se ao ambiente do momento. Daí a infelicidade da sua oração aliás de certa profundidade e erudição.

Não admira: o centenario de Antero de Quental foi autorizado com certas condições e uma delas foi a de se não falar do estudante revolucionario e irreverente e das suas tendencias avançadas. Isto me foi dito tambem confidencialmente por gente da reitoria.

Ora desta conversa resultou uma coisa que me deu certo espanto. Como eu dissésse ao dr. Carvalho que fizera o ensaio a que chamei Camões e as "artes belicas", ele ofereceu-me a Revista da Universidade para a sua publicação. E ofereceu-me o volume que já está em começos de impressão e sairá para Outubro prox.º O caso é tentadôr...

Luiz pôz objecções com receio da inferiorid.e do ensaio; mas o dr. Carvalho insistiu e com certo calor. O volume começa com um trabalho do dr. Duarte Leite; segue outro dum professor de Lisboa; outro não sei de quem, do Porto; e depois o meu. Quer dizer: nenhum trabalho de professôr universit.º coimbricence!

Vamos a ver. Aceito? não aceito?

Lisboa:

Maio: 8.

Aqui fica um extracto duma carta q. hoje mandei para o Lourenço Chaves Almeida. Simples curiosid.e, apenas:

«... Quanto ao meu ensaio camoneano está pronto ha cerca dum mês. [...] O dr. Lopes Vieira respondeu pouco depois de eu lhe mandar o folheto e diz que es-

pera com interesse a publicação daquele trabalho — mas, de certo, como aliás toda a gente, com a impressão de desconfiança. Ninguem me julga (e com m.tª razão) com categoria para trabalhos de tal ordem. Não é, realmente, depois dos 60 anos q. se começa, já com «o engenho frio» como dizia Camões.

«Será o que fôr. Perdida a vergonha uma vez, fica perdida para sempre... Desde que me reprovaram no generalato, julgo-me no direito a todos os atrevimentos...»

E' um desabafo como outro qualquer. E, que diabo! um desabafo não fica mal a ninguem.

Lisboa:

Maio: 31:

Cá vai outro extracto de carta para o Lourenço Ch. de Almeida e fica registado porque o Lopes Vieira não sei o que diz aquele a respeito do meu Camões; parece que o Poeta de S. Pedro de Muel anda preocupado com o meu trabalho. Ora eu não lhe faço sombra de qualquer especie mas das cartas do Lourenço ressalta não sei o quê de suspeito. Segue o extracto:

«... Uma vez por outra, em intervalos mui.to pequenos, lá fujo aos Arquivos ou Bibliotecas; mas neste estado de espírito, que fazer? Tenho aqui o meu Camões mas quasi lhe não peguei; não é em sobressaltos que se revê um trabalho de tal responsabilidade.

«Não ha duvida, como o Lourenço diz que são trabalhos em q. pômos muito da nossa alma; mas leva-lo-ei ao fim? Por este andar não lhe vejo grandes triunfos: estará, possivelmente, destinado á sepultura das gavetas como outros muitos que esperam a vinda do Messias...

«Quero ver se agora, antes de regressar, telefóno ao nosso Poeta, para lhe falar; quero pôr o incidente Camões em pratos limpos... Desejo explicar-lhe o meu ponto de vista, não vá ele julgar que eu, como o sapateiro de Apeles, quero subir alem do tamanco ou da chinela.»

Lisboa:

Junho: 11

Afirma-se por aí que o pretendente D. Duarte Nuno esteve em Lisboa, ha dias, de passagem para o Brasil onde vai casar com uma neta ou bisneta do ultimo Imperador brasileiro. E parece que este-

se com todas as honras: homenagens, recepções, cumprimentos, etc. etc.

Por aqui se explica o caso (que me pareceu insolito) de tantas manifestações ultimamente feitas ao Azevedo Coutinho, lugar-tenente do dito D. Duarte Nuno sem qualquer pretexto aparente ou razoavel. Celebra-se o herói de Africa, de ha cincoenta anos, afirma-se; o herói do Chire, o conquistador do Barué é quem recebe as zumbaias desta aglomeração de subservientes q. em regra se chama a melhor sociedade intelectual lisboeta.

São experiencias, de certo, que se vão fazendo, não só para ver quem aparece, como para sondar a complacencia oficial do Estado-Novo. E assim se vai vivendo nesta atmosfera de mentira.

Um funcionario da Alfandega afirmou-me que o colega que, por obrigação profissional foi a Cabo Ruivo á partida do avião que levava o principe para o Brasil lhe referira a manifestação feita ao pretendente quer em quantidade quer em qualidade de gente; e notou até pessoas (cujo nome não referiu) que não julgava capazes de tal atitude.

E a proposito do lugar-tenente ou seja o Azevedo Coutinho, ainda hoje me con-

tou pessoa que conhece um amigo e admirador deste cavalheiro e, por consequencia, sabe o que tem sido a sua fluctuação de caracter — que nos tempos da Monarquia ele, João de Azevedo Coutinho, se aliára em certa quadra aos republicanos para implantar a Republica, comprometendo-se a revoltar a Marinha de Guerra na ocasião propria. E contou ainda que em certa altura em que se zangára com o ministro da Marinha ou tivera qualquer pretensão não satisfeita, resolvêra, por sua conta, lançar a revolta ao que o dr. Afonso Costa se opoz por não ser tempo ainda para tal aventura.

Nunca ouvira contar este caso. Será verdadeiro? A origem da versão é mais ou menos segura; mas haverá qualquer deformação ou errada interpretação de atitudes? Ou o segredo seria guardado por motivos ponderosos que envolveriam melindres?

Não sei bem o que pense acerca do assunto; mas não custa muito a acreditar, dada a falta de senso moral que teem caracterizar o homem que em novo conquistou certo ascendente pela acção em Africa mas que, devido a temperamento sem firmêsa e a falta de orientação mental, an-

dou ao sabor dos acontecimentos e dos estimulos dados por exploradores que lhe aproveitariam a tendencia aventureira.

Enfim, esperêmos pelos acontecim.tos como observadores atentos e sem sobresaltos.

Lisboa.

Junho: 13.

Fui hoje, finalmente, a casa do Poeta Afonso Lopes Vieira onde estive cerca de duas horas.

Seria de mais, com certêza, para quem recebe como Principe. A verd.e, porem, é que a conversa foi agradavel e os 120 minutos passaram sem quasi dar por isso.

Foi amavel, sem duvida; correctissimo — mas sempre Principe que dá honras aos mortais que dele se aproximam.

É realmente figura interessante nas Letras e na sociedade. Tem opiniões curiosas acerca da politica e dos politicos e, em especial, sobre a actual situação que ele detesta. Fez comentarios acerca dos sucessos recentes quer da politica interna quer dos ligados com a guerra. E tudo isto com falar pausado, com intervalos em que olha vagamente pela janela que deita para o jardim, em cujo peitoril estava um

vaso de barro vermelho com manjerico e ao lado uma imagem de madeira, tosca, de S. Francisco de Assis...

E' claro que tive de lhe explicar o que era o meu ensaio sobre Camões. Melhor ou pior, expuz-lhe o plano e como sabia que o meu ponto de vista coincide mais ou menos com o dele, senti-me á vontade para dissertar. Ele ouviu com atenção, aprovou, animou-me, aconselhou uma boa edição critica da obra camoneana para base do ensaio — o que quasi quereria dizer que me lembrasse da dele e do dr. José Maria Rodrigues... E notei até que, sendo ele considerado Principe em assuntos camoneanos, mostrou-se simples, chão, sem atitudes de superior, e com ar de interesse, como de quem acreditava q. a minha obra valeria de alguma coisa.

Lembrou-me a necessid.^e de certo numero de separatas, pois o ensaio seria aceite e procurado. Enfim, tais coisas disse que parecia o Principe tratar de igual para igual...

Confesso que me não senti lisongeado com o caso; só observei o fenomeno e procurarei ver a sua origem que de certo não estará na persuasão de que o

meu trabalho possa ser qualquer coisa de coturno. Pareceu-me isso.

Por fim, deu-me a notícia, aliás espalhada em Lisboa ha dias, de que o pretendente D. Duarte Nuno esteve na capital, de passagem; mas com intenções, ao mesmo tempo, de auscultar a atitude dos futuros subditos.

Ele, Lopes Vieira, é partidario duma restauração monarquica, com caracter liberal, com tendencia popular, francamente inclinada á França e á Inglaterra, sem espirito militar de qualquer especie; mas está convencido de que seria dificil sustenta-la por causa da tendencia liberal do nosso povo, tendencia individualista, anti-clerical, que 30 anos de Republica até certo ponto consolidáram e que as tiranías dos ultimos anos estimularam bastante.

Enfim... eu ouvia com interesse e certo encanto porque realmente Lopes Vieira é atraente na conversa e dá sempre uma forma tal ao que diz que justifica bem a alcunha de português suave que lhe puzeram nos cafés da Baixa, comparando-o a certa marca de tabaco que por aí corre muito.

Foram, realmente, duas horas boas em que eu ouvi coisas de que ando afasta-

do e me banhei um pouco (vá lá o lugar commum) em Civilização.

Cá fóra, ao descer pelos meandros da Mouraria, ainda debaixo da impressão de encanto (não é exagêro) e ao mesmo tempo de receio de ter prolongado de mais a visita, lembrei-me de que faz hoje precisamente tres anos que, no Estado-maior me reprovaram para o generalato. Já lá vão tres anos e o tempo passou com relativa rapidez. Ao menos consolei-me com celebrar o aniversario com esta palestra amena e acolhedora, cheia de interesse para mim e que me deu, mesmo assim, alguns ensinamentos.

E viva Santo Antonio!

Coimbra:

Junho: 21.

De novo em Coimbra. Um vai-vem constante que me desgosta. Mas que lhe hei-de fazer?

Hoje escrevi ao Carlos Sombrio, da Figueira, a agradecer-lhe uma noticia que ele deu para a Gazeta de Coimbra acerca do meu Esboço da evolução das ideias militares. Ofereci-lhe um exemplar; ele em carta agradeceu; e não contente com isso fez uma nota bibliografica cheia de amabi-

lidades, em que louvava a iniciativa e comentava o trabalho.

Lá foi, pois, o agradecimento devido.

Coimbra:

Julho: 11.

Certa manhã de ha dias deu-se pela falta do busto do Antonio Nobre no Penedo da Saudade, e notou-se estrago na coluna do pequeno monumento.

Graçinha de alguns academicos em seguida a ceia bem regada? O certo é que o busto foi encontrado numa rua da Baixa, abandonado, ao pé de estrume. A policia não deu com os autores ou se deu não os quiz incomodar; e a Câmara mandou repôr o busto e concertar o monumento dando-lhe um pouco mais de segurança.

Ora a viuva do dr. Alberto de Oliveira, sobresaltada, telegrafou-me pedindo noticias sobre o caso. Eis a carta que lhe mandei e que fica aqui para documentar o sucesso — que é prova dos nossos costumes civilisados...

«.... O busto de Ant.º Nobre já está no seu lugar. Fui ontem vê-lo e verifiquei que nada sofreu com o vandalismo. O pedestal é que, na parte superior, tem

14 (2º)

sinais do estrago mas mal se percebem. E' necessario chegar m.to ao pé para isso se notar. O bloco de pedra que segura o busto, foi feito de novo porque, naturalmente, o que estava ficou em bocados.

«As condições de maior segurança que lhe deram não sei quais foram porque da Câmara esqueceram-se de me prevenir do dia em q. fariam a colocação a que eu desejava assistir. Mas, enfim, tudo se reparou e parece-me que bem.

« Os meus respeitos, etc. »

E o Poeta do Só lá fica, sosinho, á espera de novo desacato.

Coimbra:

Julho: 12.

Cá vai mais um extracto de carta. A carta completa não tem interesse por aí além. Ficam só estes periodos por mais curiosos:

« . . . A epigrafe que puz no artigo acerca da retirada de Soult e a frase francesa com que o encerrei (1) mostram pa-

(1) Trata-se do pequeno estudo A proposito da retirada de Soult em 1809.

ra bom entendedôr, que me não alarguei demasiadamente em considerações relativas ao Silveira por qualquer motivo. Esse motivo percebe-se bem: os tempos não vão para dizer certas verdades que possam diminuir as glorias nacionais; e Silveira pertence a esse numero.

« Confesso que fiquei admirado quando dei com aqueles documentos; pois tambem, como o meu Am.º, eu formava outra ideia do homem e, em parte, por culpa do cor.l Adriano Bessa. Enfim, como lá dize por carta do Carrilo, a Historia não é obrigada a ser caritativa; tudo vai, nos tempos que correm, em saber dosear essa falta de caridade...

« O chevalier de Folard parece-me ter acertado quando disse nos seus comentarios á obra de Polibio que não são os erros de natureza militar que principalmente deshonram os chefes mas a falta de caracter e de aprumo inerentes ao prestigio proprio.(1) Quando tratar do Saldanha hei de voltar ao Silveira a proposito da celebre manobra na batalha da Vitoria (1813). E' possivel que nessa altura lhe dê mais uns

(1) Pag. XXII do Prefacio á Histoire de Polybe vol. I, da ed.ª de 1727.

valores... E aqui tem o meu Am.º como se passa o tempo e se leva a velhice com mais ou menos paciencia.

«Um abraço, etc.»

Esquecia-me de dizer que a carta era para o amigo e condiscipulo Agostinho Barreto de Oliveira — leitor assiduo dos meus trabalhos.

Coimbra:

Julho: 19.

Conheci hoje o dr. Francisco Rebelo Gonçalves, actualmente professor em Coimbra da Faculd.ª de Letras.

Conversámos um pouco e, a certa altura, ele ofereceu-me a revista Brasilia de que é director, para eu colaborar. E o convite foi feito com certa insistencia e não tão á ligeira como o do dr. Joaquim de Carv.º para a Revista da Universidade.

Só o tempo o dirá, quando chegar a ocasião de efectivar o convite.

O dr. Joaquim de Carv.º parece que se arrependeu do oferecim.to feito ha tempos em Abril passado; se me não engano procura evitar-me; fala-me muito amavelmente quando me encontra mas de modo a não dar ensejo a conversas. As

respondeu-se, com certeza, do convite que parecia expontaneo.

Eu, realmente, achava a esmola grande; mas... Mas a verd.ª é que ninguem mandou fazer convites com tanto calor e... tanta pressa. Se eu tivesse o ensaio pronto e o entregasse, não sei como ele resolveria o caso.

Ora sempre ha cada um!...

Coimbra:

Julho: 21.

O Antonio Sergio respondeu á minha carta de 10 de Abril passado — carta que tal vez fosse impertinencia. Mas, va lá! respondeu e, como sempre, faz observações para não perder o direito de lhe chamarem mestre.

Agradeci com esta outra que aqui fica na integra:

«... O desejo de conhecer a opinião de V... acerca do meu opusculo, não era impertinencia e muito menos vaidade.

«Creio ter dito que penso em desenvolver o tema exposto na comunicação; e tinha interesse em saber o que pensariam 3 ou 4 pessoas cuja opinião valeu para mim alguma coisa.

Por ~~isso~~ isso o incomodei e o obriguei a desviar-se dos seus trabalhos por alguns momentos.

«Muito e m.te obrigado, pois, e creia q. fiquei satisfeito com o parecer.

«Quanto á observação respeitante ás obras de Jomini e Clausewitz, direi que é muito justa. Deficiencia ou imperfeição de exposição levam a concluir que me refiro ao periodo das guerras napoleonicas quando a verd.e é que quero estabelecer a transição para o periodo agitado das lutas civis. A nota de V... chamou-me a atenção para ponto que, no respeitante a Clausewitz, parece anacronismo sem desculpa.

«Por tudo, enfim, muito e m.to obrigado, etc. etc.»

As observações do Sergio ficarão p.a serem consideradas numa 2.a edição que, francam.te, nunca se fará, do meu Esboço da evolução das ideias militares.

Coimbra:

Julho: 27.

Fui hoje á Biblioteca da Universidade e no caminho encontrei o dr. Rebelo Gonçalves que, de novo, insistiu na minha

colaboração para a Brasília e disse-me que viria a m.ª casa fazer o convite de modo mais correcto e oficial. Por agora, ia preparando-me p.ª eu me não esquecer, etc. etc. E á despedida, com o chapeu na mão e ares de pessoa inferior, não me deixou passar pelas costas mas obrigou-me a ser eu quem ficasse com a primazia.

Isto deu-se na rua Larga, em frente da Faculd.e de Letras, e provocou certa curiosidade á estudantada que, possivelmente, ficou imaginando que eu seria pessoa m.to graduada ou no professorado ou no Reino das Letras...

Este dr. Rebelo Gonçalves que eu só conheço ha muito pouco, parece-me um exagerado na sua delicadeza e nas atenções. De tal modo se excede nos cumprimentos e nas zumbaias que eu fico-me a pensar se aquilo é a sério ou é velhacaria.

Ora ia eu a [redacted] meditar nisto tudo e comparando esta atitude de clara insistencia p.ª colaborar com a do doutor Joaquim de Carv.º que possivelmente se arrependeria, quando ao entrar na Biblioteca, dei com este sentado a uma mesa, de cara para a porta, a trabalhar.

Tive um repente e resolvi meter-lhe um susto. Dirigi-me resolutamente e

de tal modo que lhe notei logo a expressão clara de mal disposto ou contrariado. Depois dos cumprimentos disse-lhe sem mais aquelas:

— Desculpe V. esta interrupção nos seus trabalhos, mas ando ha dias com vontade de lhe anunciar... (Aqui a expressão mostrou acidade)... que encontrei no Arquivo Hist.º Militar uma devassa relativa ao negociante ingles Laidlley, da Figueira, em 1833 ou 34 que deve interessar á historia local... Etc.

Nesta altura a expressão mudou por completo. Houve como que uma sensação de alivio... Eu não lhe ia falar de Camões... Ainda bem! Levantou-se, com sorriso alegre e começou a passear dizendo-me que na Figueira havia essa tradição mas não se conhecia documento que a comprovasse, etc. etc. E como para justificar, p.ª consigo proprio, a alegria que manifestou, desatou a elogiar a minha descoberta, com palavras de muito apreço pelos meus dotes de investigador... Etc.

Este dr. Joaquim de Carv.º é creatura um pouco contraditoria e deixa-nos por vezes atrapalhados p.ª formar um bom e justo juizo. Mas que se lhe ha-de fazer?

<u>Paz</u> : <u>Mafra</u> :

Agosto : 8.

Hoje nova carta para o António Esteves, da Figueira ou seja o Carlos Sombrio, como é conhecido literariamente. E como se refére a um trabalho literario que ele me ofereceu, deixo-a copiada no livro respectivo, a pag. 295, com o nº 184.

<u>Paz</u> : <u>Mafra</u>.

Agosto : 17.

Ainda mais uma carta. . As minhas <u>memorias</u> ficarão quasi feitas em epistolas.

A de hoje é para o Diogo Oleiro, da cidade de Abrantes. Vai em tom faceto, não sei se ao gosto do destinatario. Mas vai assim. E ficou a pag. 296, com o nº 185.

<u>Paz</u> : <u>Mafra</u> :

Setembro : 17.

Para quebrar o silencio de um mês neste desterro entre saloios, o meu velho amigo dr. José Cardoso mandou-me um recorte de <u>O Primeiro de Janeiro</u> em que certo jornalista viajante ao querer dar noticia historica da Lousã, arranjou uma confusão dos demonios a respeito das invasões

francesas. E o bom dr. José Cardoso pede-me a minha autorizada opinião e informa-me de que vai rectificar os dizeres da crónica infeliz depois de eu lhe dizer de minha justiça.

Escrevi-lhe, pois, com a melhor vontade e a carta lá fica no vol.º respectivo, a pag. 299, com o n.º 186. Quanto á rectificação é que ela não verá publicada. Os jornalistas não gostam que se desminta a infalibilidade de q. se julgam possuídos.

A sagrada missão da Imprensa!...

Paz: Mafra:

Setembro: 24.

Hoje desabafei com o Lourenço Chaves Almeida. A bilis assim o quiz... E como a carta tem muito de auto-biográfico, aí fica:

«.... Tenho aqui as suas tres cartas — e só agora respondo! Não leve a mal. Esta m.ª estada na Paz tem sido pouco pacifica pois desde os meados de Agosto ando em constantes viagens a Lisboa por causa dos olhos de m.ª mulher q. pioráram consideravelmente; e nos dias de intervalos, a senhora minha Neta tira-me muito tempo.

«Hoje, que é dia de Lua cheia segundo o amigo Borda de Agua, cá estou disposto a dar-lhe novas e estas vão para Coimbra, pois receio que não o apanhe já nesse sossegado Moledo, entre as belas serranias durienses.

« Desejo que o descanço lhe tivesse feito m.to bem e que as aguas lhe dessem resultados apreciaveis, tudo para melhor suportar as contrariedades e arrelias q. a ~~cada~~ passo surgem e nos magoam. Oxalá, pois, o vá encontrar em Outubro bem disposto, quando eu regressar daqui, depois de dois meses passados entre preocupações e trabalhos dispendiosos.

« Mandei vir o numero do Diario de Noticias de 17 para ver o artigo do Vergilio Correia. Fiquei m.to satisfeito com a noticia que me deu e com a justiça que este lhe faz. Compensa-o, assim, da maroteira do Reinaldo, marotice de q. me não admirei pois sei bem o que estes espiritos superiores valem como caracter. De tudo se servem desde que consigam os seus fins.

« Eu tenho sabido de m.ta coisa dessas e sofrido a consequencia de outras. O mal vai de os de boa-fé, como nós, confiarem os seus planos e as suas ideias facilm.te

Os espertos aproveitam o que podem e
pronto!

« Quando era novo, impressionou-me muito saber que o velho dr. Aug.to Mendes Simões de Castro, creatura cheia de bondade e boa vontade p.a com os outros, fôra ludibriado em dois casos semelhantes; e mais me impressionou ver a maneira resignada com que ele aceitava o abuso de confiança. Nunca me esqueci disto. E pela vida fóra tenho recordado muitas vêzes estes factos quando vejo identicos procedimentos como de uso corrente.

« São coisas que desafiam á movimentação violenta dum cacete — unico remedio, me parece, para tal doença. Mas o pior é que a Sociedade reprovaria a terapeutica e condoer-se-ia do aleijado... Cada vez me sinto mais bisonho e mais retraído e mais revoltado contra esses enfatuados próceres que se corôam por suas mãos e entendem q. todos os outros constituem baixa e servil clientela. Assim os Dantas, os Reinaldos, os Leitões, ejusdem furfuris...

« Como vê, apesar de estar na Paz estou mal humorado; mas tenho razão. Sinto-me envelhecer, vejo pouco tempo adeante; e atravez da vida, se

faço excursão retrospectiva, rememoro grande percentagem de velhacarias.

«Assim, o caso do meu Camões, embora noutro genero. E a este respeito, informo-o de que estou resolvido a publica-lo á m.ª custa. Minha Filha e meu Genro a quem o li, um dia, á sombra das arvores duma fazendita nossa, empurraram-me para essa aventura; e é possivel que vá no embrulho... Vamos a ver. Em Coimbra decidirei conforme os orçamentos.

«Pois os meus parabens pelo artigo do Vergilio; agora o Reinaldo não poderá alegar prioridade. E o que o meu caro Lourenço deve fazer é tambem publicar o trabalho em folheto; não lhe seria pesado e tiraria as duvidas ao sacerdote maximo das artes e das bexigas doentes.[1]

«Pense nisso e siga sem olhar para traz. E até breve.

«Ao encerrar esta, deitei o binoculo p.ª o mar e vi um enorme navio petroleiro que se dirige para os lados do cabo da Roca; será o celebre petroleiro que se espera como simbolo da abundancia de gazolina e oleos?

---

[1] O dr. Reinaldo dos Santos.

«Muito saude para si e para os seus e um abraço, etc.»

Lisboa.

Outubro: 21.

Hoje, no Rossio, vi passar, por entre a multidão acumulada no passeio ocidental, tres autenticos frades. Era coisa que não via desde 1908 quando andei um pouco ás soltas pela Galiza.

O aspecto deles, sem má vontade, era reles. A cara alvar de cada um e o ar de certo espanto e ao mesmo tempo de desafio — deram-me, talvez sem querer, na vista. Não ha duvida: havia um mixto de sobercria e de pacovice.

Enfim... Deixa-los lá gosar este S. Martinho. Que demonio! Teem direito a isso enquanto a tempestade não rugir mais perto.

Lisboa:

Novembro: 7.

O cor.el Ernesto Gonçalves Amaro mandou-me uma carta p.a Coimbra, como pessoa p.a mim desconhecida, a pedir-me uns trabalhos meus que deseja ler e possuir. Eu porem, sei m.to bem quem ele é embora o conhecesse ha m.to tempo

desde a Escola do Exercito. Perdi-o, porem, de vista e agora surge-me meu leitor atento e mais ou menos admiradôr.

Achei graça. Escrevi-lhe hoje, agradecendo o interesse e prometendo mandar os opusculos desejados desde q. chegue a Coimbra.

Este Gonçalves Amara é monarquico e catolico praticante. Tem bom nome como profissional e como homem sério.

Coimbra:

Novembro: 27.

Esta m.ª vida não dá para comentar o que se passa. O que vale são as cartas. Aqui vai mais uma. E' dirigida ao professor Santana Dionisio:

« . . . Não tenho o prazer de conhecer pessoalmente V. . . e por isso espero que me desculpe. Dizem-me que V. . . ficou com os papeis que o falecido Raul Proença reunira para o 3.º vol.º do Guia de Portugal. Ora eu escrevi, a seu pedido, o capitulo respeitante a Miranda do Corvo e, se me não engano, ao caminho da Lousã para a Pampilhosa da Serra — e mandei-os. Sabe V. . . dizer-me qualquer coisa a esse respeito? Serão esses

meus artigos incluídos no volume ou perderam-se? Agradecia muito uma explicação qualquer e creia-me, etc.»

Vamos a ver se a mª contribuição pª o Guia não terá a mesma sorte do Cancioneiro de Miranda.

Vizeu.

Dezembro: 4.

Aqui estou em terras de Viriato para presidir a um Tribunal Militar Territorial. Não sei se seria escala se escolha; o certo é que uma nota do Quartel-General ante-ontem me avisava de que «por "ordem telegrafica do Ministerio da Guerra» fui nomeado para tal serviço.

Cá estou, pois, na bela terra da Beira, com algum frio e rodeado de atenções desta gente do Tribunal. Valha-nos, ao menos, a delicadeza.

Coimbra.

Dezembro: 6

Segue uma carta para o Luis da Camara Reis. Tem, porem, uma historia que não deixa de ser curiosa.

Quando agora estive em Lisboa, em Outubro e Novembro, procurei o Camara

Reis na *Seara Nova* para lhe propôr editar-me o meu trabalho *Camões e as artes belicas*. Fui lá com as ilusões pouco proprias da m.ª idade, calculando que fosse recebido com braços abertos e que o meu *Camões* fosse logo aceite sem reservas.

Na verdade, os braços abertos vi eu por parte do Camara Reis e por parte de um outro individuo que me tratou logo pelo nome mas que eu não sei quem é. Porem, ao expôr o assunto que me levou á redacção da *Seara*, comecei a notar na expressão do Camara Reis certas contracções nervosas que me anunciáram uma recusa. E efectivamente, terminada a minha exposição, o Reis lastimou não poder aceitar o trabalho, porque as dificuldades editoriais eram enormes, o papel escasseava e tudo estava tão impeditivo que resolveu com os colegas da administração não editar mais obras e limitar-se quasi ao expediente normal da revista.

Ora eu sou pouco desconfiado e tenho, apesar dos meus 62 anos, uma certa dose de boa-fé um tanto ou quanto infantil; contudo, na expressão do Cam.ª Reis, eu estava a ler o artificio empregado para me recusar o trabalho sem parecer que o recusava. E assim devia ser. Certamente

C-47

e cautelosamente, porque não convinha magoar um velho amigo da *Seára*, foi me dito muita coisa bonita mas sem outro resultado que não fosse a impossibilid.^{e} da publicação.

Resolvi deixar falar á vontade o Reis p.^{a} ver até onde ia a habilidade da recusa; no final, meti na pasta o manuscrito e disse-lhe, creio que com o melhor tom de voz e o mais lhano dos gestos que concordava com o que ouvira e o melhor seria esperar por essa oportunid.^{e} anunciada com tão boa vontade... E ainda agradeci, e com efusão, essa mesma agradavel e delicada boa vontade...

Creio que me portei bem. E a conversa derivou p.^{a} outros assuntos até que me despedi e deixei o Camara Reis liberto do pesadelo. Realmente, um estudo sobre Camões feito por um pobre diabo como eu, seria uma espiga p.^{a} a *Seára* e seria até certo ponto descredito. Ao mesmo tempo não era bonito nem conveniente tratar mal um amigo certo da revista. Isto é: o Camara Reis passou um máu bocado por minha causa — e eu devia ter pensado nisso antes de lá ir. Mas, como disse eu cima, as ilusões pouco proprias da idade não me deixáram ver claro.

Confesso, porem, que o desempenho me custou. Fui p.ª casa magoado porque, enfim, ainda julguei que valesse mais alguma coisa... Afinal p.ª que é que o Camara Reis me anda a pedir colaboração p.ª a Seára sempre que me encontra ou sempre que me escreve?

Enfim, as coisas são o que são.

Ora aconteceu que uns dias depois de estar em Coimbra, ao descer a rua de Tomar, encontrei o dr. Joaquim de Carvalho que ia p.ª os exames de admissão universitaria no Liceu D. João III. Logo que me avistou, teve largo gesto de satisfação e veiu p.ª mim, alegremente, dizendo:

— Ora ainda bem q. o encontro! Estava p.ª lhe escrever! Faz favôr de entregar na Tipografia da Grafica o original do seu estudo sobre Camões. E' a ocasião.

E como ia atrazado, despediu-se repetindo com calor:

— Não se esqueça! é a ocasião!

Eu fiquei-me a pensar: a maneira tão clara como se me dirigiu desmentirá a m.ª duvida do verão? Seria desconfiança minha? Sei lá!

A verd.ª porem é que a forma por que me falou não deixava duvidas; e tanto que voltei atraz, fui a casa pelo original

e entreguei-o na Tipografia d'A Grafica com todas as advertencias.

E lá ficou.

Daqui veiu a carta que hoje mandei ao Camara Reis. A carta não era necessaria, mas quiz dar um remoque: o ensaio não foi aceite pela Seára, mas foi-o pela Revista da Universid.e, pela revista da gloriosa Universid.e de Coimbra!... Era o mesmo que dizer:

— Ora torna!

Em boa verd.e é uma creancice minha. Mas enfim, creancice ou não, ela lá foi. Ei-la:

«... Depois da nossa conversa na redacção da Seára, demorei-me em Lisboa mais do que calculava e só vim para aqui em meados de Novembro. Por isso só agora escrevo acerca do assunto que me levou a importunar V...

«O preço da impressão do meu ensaio, calculando 500 exemplares, ficava superior ás possibilidades da venda; pensava já em desistir da publicação quando o professor de Letras dr. Joaquim de Carvalho me pediu o original para a Revista da Universidade. O oferecimento contentou-me e entreguei o original áquele

ilustre professor e, segundo me informou já está a compôr.

«Foi solução excelente; e certo número de separatas poderá ser posto à venda ao alcance de quem se interessar pelo trabalho. Agradeço m.to a V... a boa vontade manifestada e as atenções que me dispensou — o que me poderá levar, um dia ainda a tratar de assunto idêntico.

«Muito e m.to obrigado pois; e quando eu receber as separatas do ensaio, terei m.to prazer em enviar uma a V... com a afirmação de que sou, etc. etc.»

O Camara Reis perceberá a ironia de toda esta cartinha?

— 1943 —

Coimbra:

Janeiro: 1.

Cá vem mais um ano... E poderei dizer: má raios o partam se vale tanto como o outro.

A vida corre e tão sem geito que pregunto a mim mesmo o que ando eu a fazer por sobre a terra, a incomodar-me, a arreliar-me e a maçar os outros?

Vamos a ver. Ao menos, se neste ano que entra eu visse a derrota do nazismo... ainda escapava. Mas com os ares tão turvos, com as indicisões dos aliados, com tanta força do eixo...

Não sei. Não digo nada.

Coimbra:

Janeiro: 17.

Ontem, o coronel João Braz de Oliveira que ha quasi um ano comanda o regimento de Artelharia de Coimbra, jantou cá em m.ª casa. A' noite, apareceu o Armando Macedo; e a conversa caiu,

como muitas vezes acontece, na politica.
E o Braz de Oliv.ª contou o que, com ele,
se passára quando em 1938, nas alturas
de Janeiro, a guarnição de Lisboa quiz cor-
rer com o Santos Costa do cargo de sub-se-
cretario da Guerra. E como a narração
tinha todos os fóros de veridica, aqui a dei-
xo para a Historia.

Aproveitando a má impressão cau-
sada no exercito pela reforma de 31 de De-
zembro de 1937, os comandos de Lisboa de-
legáram no general Domingos de Oliveira
então governador militar, a missão de
expôr a vontade de todos ao proprio San-
tos Costa e ~~dar~~-lhe claramente ordem de
despejo. O general foi e cumpriu segun-
do parece; e o Santos Costa ouviu e res-
pondeu que exporia o assunto ao minis-
tro (Salazar) pois só este, nos termos le-
gais, o poderia mandar embora.

Passáram-se dias na expectativa;
na guarnição havia nervosismo e mal-
estar; os subalternos começáram a me-
xer-se e um deles chegou a procurar o
Braz de Oliveira e pedir explicações da de-
mora — o que originou cêna desagradavel
entre os dois.

Ora nesta altura começou a circular
que o Salazar, se o exercito mantivesse a

a ordem de despejo ao sub-secretario, tambem ele se iria embora; e o peiór de tudo é que o general Carmona fez constar que se o Salazar caisse ele abandonaria tambem o cargo...

Começa aqui a ver-se a manobra sabiamente lançada, antes de qualquer resolução.

E foi com o ambiente pesado que estas hipoteses tinham naturalmente formado em Lisboa que os comandos receberam ordem para comparecerem na Presidencia do Concelho.

O Braz de Oliveira compareceu como comandᵗᵉ de qualquer fracção da defesa da costa e presenciou um extraordinario espectaculo que o deixou assombrado (sic).

O Salazar expôz melifluamente a situação creada por certos boatos que formáram mal-entendidos prejudiciais á boa harmonia e á boa disciplina do exercito. Apenas boatos... Mas entre eles havia um que afirmáva que o sr. general Domingos de Oliveira fôra impôr um ultimatum para a saída do sub-secretario da Guerra do cargo que exercia, ultimatum feito em nome da guarnição. Ora o sr. general estava ali presente e poderia dizer o que havia de verdadeiro a tal respeito...

E com assombro geral, o Domingos de Oliveira, com a melhor curvatura pela ceara disse que «realmente não fizera "tal diligencia junto de S. Ex.ª ... que o ca "so era puramente boato ... »

E o Salazar continuou: outro boato era o do sr. major Luis Alberto de Oliveira, comand.te de caçadores 5 ter dito que não aceitava a imposição do limite de idade que o ia abranger e que só sairia do seu quartel a tiro; ora o sr. major estava presente e poderia dizer se era verdade... E com o mesmo assombro de todos (pois o facto era verdadeiro) o Luis Alberto de Oliveira, com curvatura distinta, declarou que tudo era falsidade... que nada dissera em tal sentido!

E assim sucessivamente: todos os comand.tes que fizeram afirmações e tomáram atitudes, negáram-nas com o melhor dos sorrisos e a mais elegante das curvaturas... E assim terminou a sessão pela verificação de que houvera apenas mal entendidos e de que tudo se esclarecera para ... Bem da Nação!

E no fim, quem se riu e riu a valer, seria o Salazar que os soube comer todos como bom jesuita que é; e quem ficou classificado para a Historia foram

esses comandantes que, depois de certas farroncas não tiveram vergonha de sancionar a comedia.

E agora, depois de fazer esta nota, eu pregunto se o exercito quer que o Salazar o tome a serio e tenha por ele alguma consideração?

Coimbra:
Janeiro: 20.

Hoje, ao ler pacatamente a folha final de O Prim.º de Janeiro que ás quartas-feiras se entitula Das Artes e das Letras e creio ser organizado pelo Jaime Brasil, deparei, com certo espanto com a noticia que aqui deixo colada, metida na secção Nos bastidores das Letras. A origem da noticia deve ser o proprio Jaime Brazil pois ha tempos recebi uma circular do jornal, assinada por ele pedindo notas biograficas e bibliograficas.

INVESTIGADOR erudito das coisas militares que se relacionam com as letras, o sr. coronel Belisário Pimenta tem no prelo um estudo intitulado «Camões e as artes bélicas» e em preparação outro sôbre «Eça de Queiroz e os militares».

Daqui a indiscrição que, se fôr notada por certos leitores do Janeiro poderá, ~~pode~~ causar, alguns rizos e algumas mófas.

E o peior de tudo é que a noticia é verdadeira. O Camões e "as artes belicas" está a dois terços da sua composição para a Revista da Universid.e; e o outro está debaixo de mão e vai crescendo.

Coimbra.
Fever.º: 20.

Recebi carta do Claudio Basto oferecendo certo numero de pag.s do volume da Revista Lusitana que está quasi pronto para o meu Cancioneiro de Miranda do Corvo. O espaço oferecido, porem, não chega e acho preferivel publicar o trabalho duma só vez. Agradeci, pois, e arranjei o pretexto de necessitar fazer uma reforma ao cancioneiro em virtude de grande aquizição recente de quadras; e pedi p.a reservar espaço suficiente no volume seguinte da Revista.

Este cancioneiro anda com certa má sorte.

Coimbra:
Fevereiro: 22.

Absorvido com varios trabalhos não me dou ao trabalho deste caderno de notas. E o tempo passa e sempre ha que dizer. Ora hoje volto á epistolagrafia...

E é para o Pires Monteiro que hoje escrevo, o bom Pires Monteiro sempre atento e amigo.

E como a carta explica m.ta coisa deste periodo de silencio, ela aí fica copiada no vol.e respectivo, a pag. 301, c/o n.º 187.

Lisboa

30 de Março:

Mais outro grande periodo de silencio nestas notas. E hoje é quebrado por uma longa carta que mandei ao Viriato do Amaral Nunes, p.a Vila-Real de Traz-os-Montes, onde está fazendo serviço militar como miliciano. O rapaz faz de mim conselheiro e quer que eu o oriente na vida. Formou-se em Direito, em Coimbra e sente-se de olhos fechados.

Deve ser bom rapaz. Nestes tempos, sentir os olhos fechados e pedir conselho a velhos... é caso raro.

Enfim, enchi-me de paciencia e lá lhe mandei uma enorme epistola, um tanto ou quanto embrulhada, mas com a melhor das intenções. Não me sinto com capacidade para mentor de bachareis em Direito que ainda teem os olhos fechados para o mundo.

Mas enfim, como a carta tem o seu quê de autobiografico, lá fica copiada fac-similarmente no m.to falado vol.e, a pag. 302, e com o n.º 188.

Coimbra:

Abril: 15.

O Poeta Lopes Vieira a quem tive, é claro, de oferecer um ex.ar do meu Camões e "as artes belicas", mandou-me uma carta curiosa de agradecimento e de critica. Fica guardada.

Nessa carta notava um lapso meu a respeito do soneto «Conversação domestica afeiçoa...» — lapso de que me confessei na resposta que hoje lhe mando, e que ~~...~~ acusarei se um dia me abalançar a ~~nova~~ edição.

... O que é uma agradavel hipotese, como outra qualquer.

Coimbra:

Abril: 20.

O Gastão de Melo de Matos ~~ofereceu~~-me o seu ultimo trabalho sobre Langres trabalho sério e feito a serio.

Este Melo de Matos é um dos bons trabalhadores na Historia. E' seguro, rigoroso e probo. Não sei se é homem f.a

sintéses historicas como ha lá por fóra e nós não temos cá dentro. Mas o que lhe sái das mãos é bem feito e merece confiança.

Escrevi-lhe hoje a agradecer e a desejar-lhe que as exigencias da vida lhe não tirem o tempo nem a boa disposição p.ª continuar a trabalhar.

Coimbra:

Abril: 23.

Hoje é com a Associação dos Arqueologos... Os homens querem e com razão que eu trabalhe e lhes dê original.

Ora eu como seu socio quasi honorario nunca mais pensei na instituição que tão amavelmente me recebeu por... eu ser casado com a neta do fundador. Ha dias recebi uma circular m.to correcta que lembrava os meus deveres de socio e pedia colaboração.

Respondi cortezmente com muitas desculpas e com vaga promessa duma communicação que disia na resposta sem sinceridade «é meu dever e tambem meu desejo...»

E pronto. Lá vai. E que me deixem em paz.

Coimbra:
Abril: 24.

O António Sergio agradeceu-me o exemplar do Camões que lhe mandei e como sempre faz, notou coisas. A carta fica guardada e a m.ª resposta tambem aqui a deixo p.ª não estar a repetir o que lhe disse:

«... Agradeço m.to a carta de V... e as palavras a respeito do meu ensaio sobre Camões e "as artes belicas".

«Li, com a devida atenção, o que V... me diz acerca do sentimento do medo em Camões e na sua generalidade (pag. 40); espero, em bréve, escrever qualquer coisa acerca do assunto e terei, então, ensejo, talvez, de me explicar melhor.

«E creia V... que agradeço muito a observação feita e que me subscrevo com a maior consideração, etc.»

Coimbra:
Abril: 25.

O advogado Alfredo Fernandes Martins e o Rocha Madail, actualmente dónos da direcção da Socied.e de Defesa e Propaganda de Coimbra, pensam em promover uma serie de conferencias acer

ca da cidade quer no ponto de vista histórico quer no ponto de vista geologico, etnografico, climaterico, etc. Teem já uma relação de figuras para serem convidadas e no numero dessas figuras estou eu destinado a falar sobre o castelo.

Ora hoje escrevi ao Madail uma carta acerca do assunto, carta que vale a pena deixar arquivada.

E aí fica no volume respectivo, a pag. 308, com o nº 187.

Coimbra:

Maio: 3.

Depois de nova chamada a Vizeu para presidir a outra audiencia no Tribunal Militar, cá estou, de novo, a braços com a epistolografia...

E, como habitualmente, é o bom do Pires Monteiro que me obriga. Desta vêz lembra-se do centenario proximo de Eça de Queiroz e quer que eu vá fazer uma conferencia sobre ele, em Lisboa, no Circulo Eça de Queiroz. Boa vontade do Pires Monteiro, apenas. Era lá possivel o Circulo admitir-me!

Enfim, deixo a carta copiada para melhor explicação. Fica com o nº 190 e a pag. 310 do sempre dito volume.

Coimbra:

Maio: 10.

Ha pouco, como deixei dito em 24 de Abril, o Ant.º Sergio fez-me observações acerca do sentimento do medo em Camões. Eu agradeci e disse que tomára a nota devida como realmente tomei.

Ora hoje recebi do mesmo Ant.º Sergio uma folha dum jornal com um artigo acerca do medo: recorte do Jornal do Comercio de Lisboa: A Psicologia do Medo, extracto do Daily Express, de Londres — q. guardo na coleção de recortes.

Achei curioso ele não se esquecer da observação feita. E' claro que lhe escrevi logo a agradecer e, na verd.ᵉ, fui sincero no agradecimento.

E o artigo fica devidamente guardado pode ser q. ainda me arrisque a escrever qualquer coisa sobre o assunto.

Maço 9º
58, 58 A

Coimbra.

Maio: 21.

Mandei hoje esta carta ao Jaime Brazil, juntamente com um exemplar do Camões e "as artes belicas", para ver se ele se tenta a dar qualquer noticia na pagina literaria do Primeiro de Janeiro, maior do que a que deu ha tempo.

c-49

«Exmo Sr. — Ha já bastantes anos tivémos correspondencia a proposito da comemoração do centenario da acção da Praia de Vitoria em 1829; passou-se o tempo e creio que seria V. . quem deu a noticia na pagina literaria do Janeiro de 20 de Janeiro ultimo de que eu ia publicar um estudo sobre Camões militar. Esse estudo já está na rua; e para que V. veja que não valia a pena noticiar a sua prox.^a aparição, tomo a liberd.^e de o remeter por este correio. V. . guarda-lo-ha entre as bagatelas que por acaso tenha na sua biblioteca. Com a maior consid.^ção etc.»

Coimbra.

Junho: 7.

No ultimo numero da Seara Nova veiu uma noticia bibliografica relativa ao meu Camões e assinada pelo Augusto Casimiro. A noticia é amavel, sem duvida; mas dá a impressão de que o Poeta Casimiro não levou a bem que um pobre diabo que se meteu a historiar Miranda do Corvo se atrevesse a tratar do colega Luis de Camões, tu cá tu lá, sem mais nem menos.

Eu conheço o Casimiro suficientemente para ver que por debaixo das ama

bilidades ha muito da intolerancia de quem se julga superior a de quem entende que só os raros podem tratar de certos assuntos. Aquelas referencias a Miranda do Corvo estão a denunciar certa velhacaria aliás inofensiva.

Este Augusto Casimiro, afinal, é o q. se chama um bom rapaz... Tem o defeito do seu egocentrismo exagerado. É contudo simpatico e eu não lhe quero mal nenhum. Tenho-lhe, até, certa amisade que vem de ha mais de 30 anos, de tempos em que ele, ingénuamente de certo, se confessava belizarista.

Outros tempos. Hoje, a proposito de Camões, atira-me com Miranda do Corvo e passa-me licença de favor para subir um pouco na escala dos estudos.

Mas, como disse, é um bom rapaz. Pruridos de superioridade quem os não tem? Adeante.

Escrevi-lhe uma carta de agradecimento; e como, sinceram.te, lhe não quero mal antes até simpatiso com ele e o aprecio, a carta vai meio a serio meio de galhofa, como de quem não percebeu o que havia por baixo do palavreado da noticia bibliografica. Que diabo! A velhice que se aproxima assim o quer.

Sejâmos compreensivos e tolerantes. A compreensão e a tolerancia não ficam mal a ninguem.

Ora a carta merece copiada e fica com o nº. 191 a pag. 312 do respectivo volume

Coimbra.
Junho: 9.

O Jaime Brasil respondeu. A noticia bibliografica no Janeiro só pode ser dada mediante a oferta de 2 exemplares da obra. Eu agradeci e o caso ficou resolvido. «Estou habituado a trabalhar "sem reclamo» dizia-lhe eu; «parece sa"ber-me melhor o ficar quasi ignorado. E' "possivel que tudo isto seja da velhice...» Etc. etc. E outras maduresas.

Coimbra:
Julho: 10

Depois dum mês de silencio, direi que o dr. Rebelo Gonçalves insiste pela colaboração na Brasilia. Eu tenho quasi concluída um artigo acerca de Matias de Albuquerque que visa especialmente a campanha contra os holandeses pelas alturas da Restauração. Respondi hoje a um bilhete do Rebelo Gonçalves dizendo que por estes dias o trabalho estará pronto.

Paz: Mafra:

Agosto: 12.

Mais outro mês de silencio... E não é por falta de assunto.

Ha tempos, quando estive em casa do Poeta Lopes Vieira e falei numa possivel 2.ª edição do meu Camões e as artes belicas, ele ofereceu os seus bons oficios junto dos livreiros Sá da Costa para tomarem conta da obra. Agora, recebi um postal dele lembrando o oferecimento e renovando-o em termos m.to amaveis.

Parece q. o Poeta, afinal, se interessou pelo meu trabalho. Eu nada lhe pedi, segundo o meu costume; ele é que ofereceu e agora insiste e reforça.

Vamos a ver, vamos a ver.

Escrevi-lhe hoje com muitos agradecimentos.

Paz: Mafra.

Agosto: 20.

Recebi uma carta do prof.or Santana Dionisio consultando-me sobre duvidas relativas á Guerra Peninsular.

Estou na alta, pelo que se vê...

Ha dias era o Lopes Vieira oferecendo o seu valimento para os livreiros Sá da Costa tomarem conta duma 2.ª ed.ção do meu

Camões; hoje é o professor e filosofo e publicista Santana Dionisio com uma consulta em forma.

Respondi-lhe hoje mesmo que neste isolamento, sem livros nem quaisquer elementos de informação não podia dar uma resposta exacta; mas que iria a Mafra por estes dias e na biblioteca da Escola Pratica de Infant.ª resolveria o problema ou, como escreve, « deslindar o caso que de memoria não serei capaz. »

E pronto. Até qualquer dia.

Paz: Mafra.

Agosto: 21.

O inspector escolar aposentado Armando Silva, de Vila Nova de Miranda do Corvo, mandou-me grande colecção de quadras populares p.ª o meu Cancioneiro.

Este Armando Silva é um antigo democratico, exaltado adversario da actual situação por causa do que já andou desterrado por trancos e barrancos. E' creatura curiosa, um tanto ou quanto lerias na, mas segundo oiço, homem serio.

Pois a recolha veiu em boa ocasião; estou a pôr em ordem o que tenho recolhido porque julgo exgotada a capacidade poetica do concelho — e a organizar o origi-

nal para poder ir para a imprensa á primeira vez.

Agradeci hoje ao Armando Silva.

Paz: Mafra.

Agosto: 27.

Lá vai a resposta ao Santana Dionisio, respeitante a duvidas que ele tinha sobre pormenores da Guerra Peninsular:

« . . . Parece-me que poderei dar a mª impressão acerca da duvida de V. . . apesar de não conseguir consultar certos livros que queria, mercê da pessima catalogação das bibliotecas militares. Creio, porem, que o caso se resume no seguinte sem fugir á verdade.

« Wellington, depois do episodio de Almeida, mandou para o Alentejo duas divisões para possivel reforço de Beresford. Foram essas divisões, naturalmente, que na travessia do Tejo, no Rodam, provocaram a gravura de Türner. Wellington não as acompanharia pois em 19 de Maio estava nos campos de Albuera a conferenciar com Beresford e no dia seguinte regressou a Elvas.

« A data precisa da travessia não consegui averiguar; os movimentos secun-

darios de tropas não ficaram bem claros; julgo, porém, que como o Guia não é obra de investigação histórica e a gravura indica esse dia, as linhas que V... escreveu estão muito bem; e eu, apenas para evitar qualquer reparo dalgum meticuloso, tiraria a referência á data e deixaria a responsabilidade ao artista. E assim não haveria novidade...

« Lastimo não estar em m.ª casa para melhor poder responder. Em todo o caso, V... mande sempre, etc. etc. »

E assim resolvi o caso, melhor ou pior, conforme podia.

Paz: Mafra.

Setembro: 2.

O Lourenço Chaves Almeida quer publicar um estudo que fez acerca dos tumulos de Alcobaça — aspiração antiga de que tem dado conhecim.to a amigos como o Poeta Lopes Vieira, dr. Manuel Monteiro e não sei se a mais alguns.

Ora estes dois andam preocupados com a revisão do trabalho, pois sabem m.to bem que o Lourenço redige mal e não é capaz de rever uma prova. Este até ha dias me disse que o Lopes Vieira acon-

selhára-o a vir ter comigo para o au-
xiliar na revisão de provas.

Aquelles dois homens de letras teem razão. O Lourenço é bom artista no ferro mas não na prosa; e a preocupação deles é tanta que recebi ha dias uma carta do M.el Monteiro pedindo-me para tomar conta do caso e não deixar sair a obra sem eu a rever cuidadosamente.

Respondi-lhe hoje nestes termos:

« . . . . A carta de V. . chegou aqui quando me preparava p.a ir a Coimbra tratar de assuntos particulares. E quiz a boa sorte que, logo no dia seguinte, encontrar na rua da Calçada o nosso amigo Chaves de Almeida com quem conversei largo tempo.

« A conversa, como era natural, caiu sobre a obra que vai publicar; e quando me dispunha a insistir de novo pela revisão cuidadosa das provas, disse-me ele que recebera carta do dr. Afonso Lopes Vieira, dias antes, na qual lhe recomendava muito a revisão apurada e o lembrava que eu deveria fazer esse trabalho de combinação com ele p.a não alterar o estilo proprio, etc. etc. Não foi necessaria, pois, nova insistencia da minha parte

e assim ficou resolvido que, quando eu regressásse a Coimbra seria o revisôr da obra.

«Eu conheço o estudo acerca dos tumulos alcobacenses desde o seu inicio e tenho acompanhado com interesse a sua evolução; e sempre lhe fiz ver (com as devidas cautélas) a necessid.^e de não deixar deslises graves que dessem azo a reparos e mesmo a troças. Ele tem, porem, um critério curioso em que não deixa de haver certa razão: é que, sabendo toda a gente que ele é apenas serralheiro e não doutôr em letras, se a obra aparecer com aspecto literario, dir-se-ia que não era ele o autôr mas sim qualquer outra pessoa, etc.

«Mas, enfim, o caso ficou resolvido, embora mal; pois sempre aconselhei para a revisão o dr. Lopes Vieira e V... que, muito melhor do que eu tirariam do estudo do mestre Lourenço todo o joio. Farei, porem, o possivel para merecer a confiança que os dois ilustres homens de letras depositaram em mim e procurarei não tirar, por forma alguma, o sabôr a ferro e a bigorna que tem a prosa do ilustre ferreiro. ~~Creia~~ V... que agradeço muito a lembrança do meu nome

prova de clara benevolencia e creia tambem que sou, com a maior consideração e apreço, etc. »

Paz: Mafra:

Setembro: 24.

Escrevi hoje uma carta ao Marquês de Rio Maior em que lhe pedia licença para consultar as cartas que o marechal duque de Saldanha escreveu para a familia durante a Guerra Peninsular.

Em vês de solicitar apresentações resolvi escrever e expôr as razões do pedido. Entre outras coisas dizia: «... desejo provar a alta capacid.^e de chefe que o duque "de Saldanha possuia, aliada a notaveis "conhecimentos profissionais que lhe dão "(quanto a mim) o direito de ser considerado "como um dos poucos que na historia "militar de Portugal tiveram «ideias» "proprias e definidas.» E acrescentava q. era possivel que nas cartas houvesse um ou outro passo que ajude a completar o meu juizo.

Vamos a ver se o ilustre marquês, que me dizem ter certo culto pela memoria do tio-avô, me recebe bem o pedido e se terei a sorte de ver as cartas.

Paz: Mafra.

Outubro: 3

Hoje... 64 anos! Sessenta e quatro anos...

Paz. Mafra.

Outubro: 5.

Cinco de Outubro de 1910. Foi ha 33 anos...

Paz. Mafra.

Outubro: 6.

O marquês de Rio Maior respondeu e mt.º amavelmente. Diz que sim, que autoriza a consulta das cartas do Saldanha e para cumulo ofereceu-me um exemplar do seu opusculo sobre o Colegio dos Nobres

Ora ainda bem. Quando fôr a Lisboa com vagar, lá irei ao palacio da Anunciada onde nasceu o marechal.

Coimbra.

Novembro: 16.

Hoje, depois de mês e tal de silencio, cá estou ás voltas com o amigo Pires Monteiro e com o proximo centenario da batalha de Montijo. Deu-se o caso que propuzera á Revista Militar um artigo

comemorativo da primeira acção de vulto a seguir a 1640. Não foi aceite!

A velha Revista Militar, orgão quasi centenario do exercito, recusou a comemoração da batalha do Montijo!

Porquê? Não sei nem quero sabe-lo. Mas, francamente, dei sorte e daqui a seguinte carta p.ª o Pires Monteiro:

«. . . . A sua carta de 13, na parte respeitante ao centenario do combate de Montijo, deixou-me desolado. . . Ha muitos anos . . «nem eu já sei quantos!» (como diria o Poeta) acariciava a ideia de a nossa Revista celebrar o centenario da primeira acção de vulto da Guerra da Restauração, com um modesto artigo meu e não estudo largo e profundo como parece julgar. Esse artigo ilustrado com uns graficos, reprodução da portada da Relação oficial e um fac-simile de Matias de Albuquerque, conteria a m.ª interpretação do sucesso, talvez com uma ou outra novidade.

«Mas, repito: seria artigo modesto, coisa para 20 a 24 paginas que eu sempre julguei dentro das possibilidades da nossa Revista, tratando-se, de mais a mais, dum caso que se dá uma vez na vida. Enfim, não póde ser — paciencia; irei bater

a outra parte que não sei ainda qual deva ser.

«Publicar um folheto sumptibus autoris não é acção compatível com o meu orçamento bem oscilante; de modo que é possível que a comemoração seja feita... em silêncio. O artigo síntese que me pede entendo que o não devo fazer; não terá a relação devida com o valor do sucesso que se comemora; e, além disso, iria revelar a m.ª interpretação, não comprovada ou explicada, a quem quer que a quisesse desenvolver — o que me seria penoso. Esta é a m.ª opinião franca e sem qualquer vislumbre de ressentimento que, como sabe, sou incapaz de ter.

« O que não pode ser, não pode ser e o assunto fica resolvido.

«Já recebi o folheto suplementar com a comemoração do centenário do Morais Sarmento. Está sóbrio; contém o essencial. Nesta altura não seria fácil fazer mais em memória dum velho liberal. Mas achei bem.

«E sem mais, etc. »

Esta carta que aí fica, sugere-me novamente a resolução que por vezes me tenta: a de abandonar qualquer espécie

de trabalhos e deixar correr a vida, ociosamente, sem procurar para o resto dela uma ou outra utilidade.

Trabalhar, gastar o tempo e o dinheiro, dedicar os ocios a pensar em solucionar problemas ou, pelo menos a pô-los ao alcance dos outros e no final ouvir recusas de publicação quando se vê tanta inutilid. nas paginas dessas revistas — é de esmagar os fortes quanto mais aqueles que, como eu, não teem a resistencia necessaria para estes casos.

Enfim, vamos a ver.

E' possivel que desta vez tenha juizo e me deixe de veleidades de historiador.

Da pag. 2:

JURAMENTO DE BANDEIRAS

No dia 23 do corrente realizou-se em Leiria, com o costumado luzimento, a ceremónia da ratificação do juramento de bandeiras pelos recrutas das unidades da guarnição.

No Regimento de Infantaria n.º 7, o acto teve lugar pelas 9 horas e 30 minutos, onde, depois de ter usado da palavra o aspirante a oficial miliciano sr. Dr. José Infante de La Cerda que fez uma interessante alocução, se procedeu à condecoração do soldado condutor 178/36 Manuel Caetano da Silva com a medalha de prata do Mérito, Filantropia e Generosidade, por ter salvo de morrer afogado no rio Liz, com risco da própria vida, o soldado 112/36 Manuel Soares, que mais tarde veio a falecer no Hospital Militar de Coimbra vitimado por febre tifoide.

O acto, que constituiu uma impressionante ceremónia foi honrado com uma brilhante oração do ilustre Comandante da unidade, coronel sr. Belisário Pimenta.

Seguidamente foi cumprido o programa das festas preenchido pelos seguintes números:

— Pelotão em ordem unida.
— Pelotão em ordem extensa.
— Esgrima de baioneta.
— Exercícios de maqueiros com socorros a feridos.
— Demonstrações de metralhadoras pesadas.
— Luta de tracção.
— Sinaleiros.
— Corrida do estafetas e canto coral.

Durante a esgrima de baioneta, um dos soldados, para evitar ferir com essa arma algum dos circunstantes que imprevidentemente se haviam colocado à frente dos obstáculos, caíu tam desastrosamente que fracturou uma perna pelo fémur, tendo de ser internado imediatamente no Hospital Militar.

A Legião Portuguesa honrou com a sua presença o juramento de bandeira, fazendo-se representar por uma lança de Leiria e outra de Alcobaça que causaram a melhor impressão pela correcção e aprumo manifestados.

C-51

De pag.º 44-45.

Recebido em 9-9-37

Tenho a honra de convidar V. Ex.ª a assistir à inauguração, no Pateo do Museu Machado de Castro, de um medalhão com o retrato de Mestre António Augusto Gonçalves, obra do escultor conimbricense Costa Mota (sobrinho), a qual terá lugar no dia 9, pelas 18 horas, com assistência do sr. Governador Civil do Distrito.

O Director do Museu.

Quinta-feira, 9 de Setembro

PROFESSOR ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES.—Realizou-se, esta tarde, no Museu Machado de Castro, a cerimonia da inauguração de um medalhão, em terra cota, esmaltada, com o retrato do prof. Antonio Augusto Gonçalves, da autoria do escultor sr. Costa Mota, sobrinho, e custeada pelo legado do dr. Antonio Augusto Lopes da Costa Pereira.

No pátio do Museu, onde, numa das paredes, ficou colocado o medalhão, efectuou-se uma sessão solene, a que presidiu o sr. dr. Alberto Ferreira da Silva, governador civil, que tinha a ladeá-lo as sr.as D. Libania Gonçalves, irmã do homenageado, e D. Maria Adelaide Pinto, sobrinha do doador; e os srs. dr. José Augusto Cardoso, vice-presidente da Camara Municipal, e tenente Crucho Dias, representante do comandante da Região Militar. Discur-

sou o sr. prof. dr. Vergilio Correia, director do Museu, que manifestou a sua alegria por ser prestada mais aquela homenagem ao conimbricense ilustre que tanto trabalhou e engrandeceu a sua terra, e traçou o elogio das pessoas que colaboraram naquela obra, desde o escultor sr. Costa Mota, até ao construtor sr. Manuel de Jesus Cardoso. Agradeceu a presença das individualidades que ali se encontravam e falou largamente da acção do homenageado, como professor, critico de arte e como fundador do Museu Machado de Castro, dizendo que a homenagem da cidade só ficará completa quando o busto do professor Antonio Augusto Gonçalves fôr inaugurado, numa praça ou jardim de Coimbra.

Seguidamente, o sr. dr. Antonio Costa Rodrigues, secretario geral do Govêrno Civil, e antigo presidente da Escola Livre das Artes do Desenho, exaltou a obra do homenageado e referiu-se a algumas das figuras que mais de perto conviveram com o professor Antonio Augusto Gonçalves, para pôr em relêvo o seu valor e destacar as lutas que ele teve de sustentar para vencer e realizar os seus mais importantes empreendimentos: a magnifica obra de restauração da Sé Velha e a fundação do Museu Machado de Castro.

Por ultimo, o sr. governador civil associou-se á cerimonia, com palavras de muito aprêço para o sr. prof. dr. Vergilio Correia e escultor Costa Mota, e saudou as senhoras que faziam parte da mesa.

Entre outras pessoas estavam presentes os srs. coronel Belizario Pimenta, desembargador José Borges de Oliveira, dr. José Cipriano Rodrigues Deniz, director da Escola Superior de Farmacia; Antonio Vitorino, director da Escola Livre das Artes do Desenho; dr. Luiz Lopes de Melo, dr. Abrantes Tavares, juiz do Tribunal do Trabalho; José Ernesto Donato, tenente Nuno Beja, Joaquim Ferreira, Adriano Peixoto, Joaquim Rasteiro Fontes, Amilcar Mendes dos Santos, Henrique Sales, Antonio Ferrão Mendes, de Abreu, director da Associação dos Artistas; José Lopes da Fonseca, Alfredo Fernandes Costa, dr. José Viana, dr. Francisco Inez, Antonio Gaspar de Matos, Joaquim Ventura, Mario Brito, Amilcar Mendes dos Santos, Antonio Maria Correia, Alfredo Loureiro, Antonio Vieira Machado, Augusto Martins, antigo prof. da Escola Agricola, etc.

A Camara Municipal estava representada pelo vice-presidente e pelos vereadores srs. dr. Alexandre da Silva e Avelino Paredes.

(De pag. 191)

Coronel Belisário Pimenta

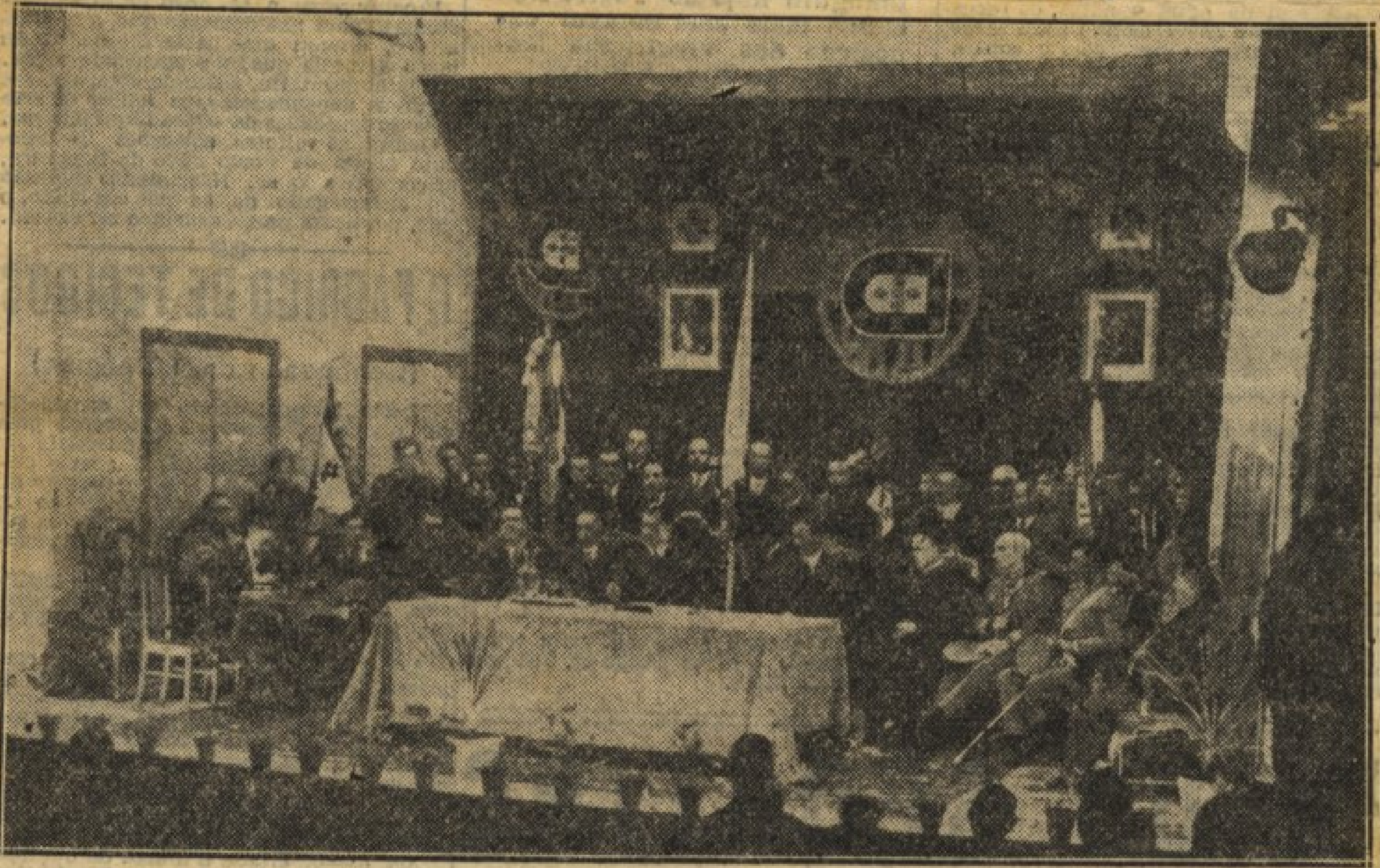
Por motivo de se ausentar de Coimbra, apresentou-nos os seus cumprimentos de despedida, amabilidade que agradecemos e retribuimos, com os votos de muitas prosperidades, o nosso patricio e velho ass'nante e amigo sr. coronel Belisário Pim-nta, que ha pouco fez, com feliz exito, o tirocinio para o posto imediato.

404

Leiria recebeu calorosamente

o ministro do Interior, que realizou

no Teatro D. Maria Pia e perante enorme assistencia uma notavel exposição acêrca das proximas eleições



O sr. ministro do Interior rodeado das entidades mais representativas, quando falava aos delegados de todo o distrito

(Pap. 50-51)

405

Da pag. 66

Leiria recebeu calorosamente

CONVITE

O Director do Distrito Escolar e os directores das Escolas Primárias oficiais e particulares de Leiria teem a honra de convidar V. Ex.ª e sua Ex.ᵐᵃ Família a assistir à festa da Entronização do Crucifixo nas Escolas, que deve realizar-se no dia 8 do corrente, conforme o programa junto.

Leiria, 6 de Dezembro de 1937.

Festa da Entronização do Cruxifixo nas Escólas Primárias de Leiria

▲

PROGRAMA

▼

8 - 12 - 937

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 28
Quartel em Leiria, 28 de Janeiro de 1938
Determino e mando publicar:

ORDEM À REGIÃO

1º- que hoje foi recebida a O. à R. nº 6 do Comando da 3ª Região Militar, de 27 do corrente, da qual consta o seguinte:

1º-<u>LOUVORES</u>:

Que, por determinação de Sua Exa. o Ministro da Guerra, louva os oficiais abaixo designados, por, "voluntária e desinteressadamente, terem cooperado na instrução ministrada aos filiados na Legião Portuguesa, demonstrando com o seu gesto possuírem um elevado espirito de civismo, zêlo e dedicação pela causa pública, tornando-se assim credores do reconhecimento dos poderes públicos":

Regimento de Infantaria nº 7
Coronel Belisário Pimenta
Tenente António Paulo Santos e
Tenente José de Oliveira Neto.

(Da pag. 83.

407

Na Sé

A's 8 horas e meia — Missa cantada, Bênção dos Crucifixos e alocução por S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo. Em seguida cortejo das crianças com os Crucifixos para o Seminário, onde lhes será servido o café.

No Seminário

A's 11 horas e meia — Sessão solene. Algumas palavras sôbre o significado da festa, pelos Snr.s professores e pelo Ex.mo Snr. Director Escolar.

Recitativos e Cânticos

Cântico a Jesus — Côro — Letra de L. G. e música de B. M.

Cristo nas Escolas — Versos de Alf. Cabral, (pela menina Maria Amélia Franco Antunes).

Sou Cristão — Côro.

A Jesus — Versos de L. G. (pela menina Maria Fernanda Correia Santos)

Invocação a Deus — Versos de A. F. Castilho (pelo menino Alcides da Silva Santos).

Queremos Deus — Côro.

Dois Amores — Versos pela menina Maria Laura de Oliveira Dias.

Graças, ao levantar da Escola — Versos de A. F. Castilho (pelo menino Francisco Pires).

Pátria descansa — Côro

Jesus na escola — Versos de D. Matilde Pontes (pelo menino José Alberto Pontes de Barros).

Avé Rex — Versos. (pelo menino Nuno Fernandes).

Deus — Versos de Casimiro de Abreu (pelo menino Alzirino Maria Franco Antunes)

Canção a Leiria — Côro.

Capelinhas — Versos (pelo menino António José Fernandes).

Um soneto — de António Correia de Oliveira (pela menina Zulmira Maria da Silva Rosa).

Cristo Vence! — Versos do P.e Moreira das Neves (pelo menino Luís Nogueira).

Hino da Mocidade Portuguesa — Côro.

Hino Nacional.

Nas Escolas

Colocação dos Crucifixos

(De pag. 142-143.)

Banda de Infantaria 7

A Emissora Nacional vai radio-difundir um concêrto no dia 12

No próximo sábado — 12 — Leiria vai ser conhecida através as ondas hertzianas da Emissora Nacional, que vão transmitir a muitos milhares de ouvintes um concêrto dado pela Banda de Infantaria 7, regimento aquartelado nesta cidade.

Fazendo-se ouvir sempre com agrado nos concertos, que tôdas as quintase domingos dá no Jardim Público, o digno comandante do regimento, ex.^{mo} sr. coronel Belisário Pimenta, conseguiu que a Emissora radio-difundisse um dêsses concertos, onde mais uma vez essa banda, que sob o regencia do seu digno chefe sr. tenente Coelho, dia a dia se impõe, dê não só aos leirienses mas aos radiofilos, amantes de boa música, o grande prazer de escutar uma das melhores bandas regimentais da província.

A banda executará o seguinte programa:

Chula de Pontevedra, Luna Y Brú; Alexandro Stradella, Ouverture, Flotoy; Selecção da Opera Iris, Mascagni; Scene Villereccie, Suite em 4 tempos, D. Bolognesi: 1.° tempo — Festa al Vilaggio; 2.° — In chiesa; 3.° — Serenata Montanina; 4.° — Ballo Campestre.

Estando neste dia em Leiria reunidos os antigos alunos do Liceu e como o teatro será pequeno para comportar todos quantos desejem assistir ao concêrto da Banda, a Câmara autorisou o sr. J. Moita a colocar um aparelho rádio-telefónico no Jardim Público, podendo por esta forma não só os antigos alunos mas todos quantos o desejarem ouvirem este concêrto e mais tarde a *Hora de Arte*, realizada no mesmo teatro.

De O Mensageiro, de Leiria, n.º de 10 de Junho de 1937.

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 38
Quartel em Leiria, 7 de Fevereiro de 1938
Determino e mando publicar:

ORDEM À REGIÃO

1º - que hoje foi recebida a O. à R. nº 8 do Comando da 3ª Região Militar, de 5 do corrente, da qual consta o seguinte:

"Tendo sido nomeado Ajudante General do Exército vou deixar o Comando desta Região que durante cêrca de um ano tive a honra de desempenhar.

Durante êste espaço de tempo tive a satisfação de verificar a existência, nas unidades e estabelecimentos da Região, de um elevado espirito de disciplina e da parte de todos que nelas servem, um acentuado desejo de bem cumprir, realçado da parte de muitos, por um zelo e dedicação que, só por sí, tem conseguido vencer inumeras dificuldades e deficiências de variada ordem, que infelizmente ainda se apresentam.

Para tanto tem concorrido muito o desenvolvido amôr profissional de Comandantes e oficiais e o patriotismo de todos.

O valor das tropas, já acrescido com os novos armamentos nos últimos tempos distribuidos, mais aumentará ainda quando fôr recebido todo o material que, pelo plano de rearmamento, lhes é atribuido.

Um aumento de eficiência resultará também da nova organização que vai ser posta em execução, sendo de esperar que, dentro dum prazo, o menos longo possivel, essa eficiência terá atingido, como todos ambicionamos, o necessário grau.

Tenhamos pois Fé que assim seja. Mas, a par d'Ela, é preciso também, é mesmo indispensável, que nas tropas se mantenha aquele <u>MORAL ELEVADO</u>, e aquele espírito de abnegação e de sacrifício, que são a pedra de toque do verdadeiro espírito militar.

Se os Exércitos valem pelo que sentem, o momento presente exige ainda mais o revigoramento do espírito militar, pelo qual se devem esforçar os Comandos, auxiliados decididamente pelos quadros.

Procedendo assim, prestigiarão o Exército para cuja coesão mais do que nunca necessária, contribuirão, concorrendo, ao mesmo tempo, para a manutenção do ambiente de confiança e da ordem de que o Paiz precisa para o seu engrandecimento pelo trabalho e, para a continuação da obra de ressurgimento que, pelo imperativo mandato de 28 de Maio de 1926, foi iniciada e se está prosseguindo, sob uma tão hábil direcção e com um exito tal que o nome de Portugal readquiriu novamente o seu antigo prestígio.

Ao despedir-me da Região, sinto dever acrescentar estas palavras aos votos de prosperidades que para Ela e para todos, oficiais, sargentos e praças, fico formulando.

Agradecendo aos Comandantes, Directores e Chefes de estabelecimentos a sua bôa e leal cooperação, entendo, contudo, por dever de justiça citar neste momento, além das duas Escolas Práticas (de Cavalaria e de Engenharia) que tanto se esforçam por elevar o nivel da instrução que nelas se ministra, o Batalhão de Caçadores nº 2 e os Regimentos de Artilharia Ligeira nº 4 e de Cavalaria 6 que, como elas, se distinguiram, pelo aprumo do seu pessoal, bôa apresentação do seu material, preparação dos seus quadros e instrução geral das praças, demonstrando assim um elevado amôr profissional e superior dedicação dos seus Comandos e quadros.

Não querendo citar individualmente ninguem não posso porém deixar de especializar, pela coadjuvação que mais directamente me prestaram, o pessoal do meu quartel General no qual reconheci sempre uma grande lealdade e muito zelo e dedicação pelos serviços a seu cargo, pelo que o louvo, e em especial:

-------O Coronel de Infantaria com o C.E.M., Alfredo Ernesto da Cunha, pelo muito zelo, dedicação e competência manifestados no desempenho das funções de Chefe do Estado Maior, o que, aliado a um são critério, provada lealdade, e um grande conhecimento das unidades da Região, em muitas das quais já exerceu o Comando, tornou valiosa a sua colaboração;

-------O tenente de cavalaria, António da Cunha Viana, pela forma distinta como vem desempenhando as funções de meu ajudante de campo, nas quais demonstrou inexcedivel lealdade e grande dedicação confirmando as suas excelentes qualidades de oficial e primoroso caracter; e

Continuação da Ordem Regimental nº 38 de 7-2-938

--------o tenente do Batalhão de Caçadores nº 2, Fernando de Magalhães Abreu Marques e Oliveira, pelo aprumo, inexcedível lealdade e dedicação demonstradas durante o desempenho das suas funções de meu ajudante de campo que interinamente exerceu, confirmando nelas um caracter de forte têmpera e qualidades de oficial competente, activo e cheio de fé nacionalista a cuja causa tem dedicado o seu valioso esfôrço.

ADMINISTRAÇÃO

2º-Que sejam aumentados à carga da Biblioteca Regimental os seguintes livros:

Boletim da Escola Central de Oficiais, nºs 47, 48 e 49 de Julho, Agosto e Setembro, de 1937, volumes..........1; exemplares........2.

ABATES

3º-Que seja abatido ao efectivo do Regimento o soldado na disponibilidade nº 434/36 António Alves, que àmanhã tem passagem ao Regimento de Infantaria nº 1, por ter transferido o seu domicílio para a Rua dos Quartéis nº 58-1º, freguesia da Ajuda, 4º bairro de Lisboa.

SERVIÇO

4º-Serviço para àmanhã:

Dia o Snr. Cap. Teixeira Rª o Snr. Alf. La-Cerda. Guarda, dia ao Reg. o amanuense de dia furriel Mendes Rª 2º sarg. Nascimento. Guarda 1º cabo 1ª/17-E Rª 2ª/27-E, e 3 soldados. Dia à Banda furriel músico Franco Rª Câmara. Corneteiros:-dia ao Reg. C.D. 143/37 Rª 95-E; à Secretaria 1ª/80/37 Rª C.D. 51/37. Ordenanças:-1º cabo 2ª/99/37 Rª 1ª 331/37, e 4 soldados. Telefonista de dia 1º cabo músico nº 387-E Rª 75-E. Refôrço 6 soldados. Faxinas 6 soldados. Para a arrecadação das Mat. Pes, às 11 horas, 1 soldado. Para se apresentarem no 1º Grupo de Depósitos, 4 soldados. Plantões às Cavalariças:-à nº1 soldº cond. nº 277/37 Rª 333/37; à nº 2 soldº cond. nº 79/37 Rª 73/37. Para se apresentarem ao Snr. Tenente Pedro, às 12 horas, 2 soldados. Para a instrução de Quadros, às 15 horas, 14 soldados.

Pelo Comandante

Jaime da Fonseca
Ten. Cel

Jaime da Fonseca
Ten. Coronel

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 40
Quartel em Leiria, 9 de Fevereiro de 1938
Determino e mando publicar:

ORDEM À REGIAO

1º - Que hoje foi recebida a O. à R. nº 9 do Comando da 3ª Região Militar, de 7 do corrente, da qual consta o seguinte:

SAUDAÇÃO:-

Ao tomar o Comando da 3ª Região Militar saudo as unidades sob o meu Comando e os estabelecimentos e serviços que dele dependem.

Dentro das minhas atribuições procurarei:

---Dirigir a disciplina, olhando o Exército como uma colectividade, onde todos devem "moto-próprio" desejar desempenhar no conjunto, o papel que lhes compete para realização da vontade do Chefe.

---Fomentar o entusiasmo pela profissão, sem o qual não pode haver, nem abnegação, nem alegria no trabalho.

---Cimentar o culto da camaradagem, no sentido elevado da palavra, como virtude especificamente militar e primeiro elemento de ligação num Exército.

---Impulsionar a creação duma mentalidade, onde as leis militares do Estado Novo possam progredir.

Procurarei sobretudo ser, entre todos, o mais abnegado.

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 226
Quartel em Leiria, 14 de Agôsto de 1938
Determino e mando publicar:

FERIADO

1º - Que por ser amanhã dia de Feriado Local, se observe o seguinte:
a) - Que a alvorada seja feita à porta do quartel pela banda de corneteiros;
b) - Que a Bandeira Nacional seja hasteada às 08h,00 e arreada ao pô do sol, com as formalidades regulamentares, assistindo aos actos a banda de corneteiros;
c) - Que os ranchos sejam melhorados;
d) - Que a fachada do quartel seja iluminada.

ORDEM À REGIÃO

2º - Que hoje foi recebida a O. á R. nº 41 do Comando da 3ª Região Militar de 13 do corrente, da qual consta o seguinte:

1ª BATALHA DE ALJUBARROTA

EXORTAÇÃO DE S.Exª O COMANDANTE DA REGIÃO:

Passa amanhã o aniversário da Batalha de Aljubarrota, batalha que consolidou difinitivamente a independência nacional dando fim a um periodo de incertezas e de lutas em que a Pátria Agonisaava. É um exemplo a apontar á meditação daqueles que pertencem ás gerações que tomaram sôbre os seus ombros a gloriosa mas pesada tarefa de legar aos vindouros um Portugal Novo, confiante dos seus destinos e redimido de erros do passado.

É um exemplo de quanto pode a valentia e a decisão ao serviço duma fé inquebrantavel.

Vai o Comandante da Região, representando todos os seus subordinados percorrer o terreno entre Porto de Mós e a Batalha e, junto á capela de S.Jorge, onde ás 10 horas serão arvorados os estandartes do Condestavel e do Mestre de Aviz, evocará as patrióticas e decisivas palavras de Nun Alvares perante a indecisão de um Rei que foi grande pelas suas virtudes guerreiras e pela colaboração dos seus cavaleiros que soube escolher e estimar.

Que a essa hora todos de coração ao alto tenham ante o seu espirito a visão magnifica do Mestre e do Condestável á frente da sua gente cheia de fé, no momento decisivo do drama heroico da nacionalidade, são os desejos do Comandante da Região.

99

1016

(1020)

417

Da pag. 179 –

LEILÃO

SABADO, 25, A'S 21 1/2 HORAS

dos 18 magistrais quadros que decoram as parêdes do

RESTAURANTE LEÃO DE OURO

na Rua 1.º de Dezembro, 97—LISBOA

por determinação do seu proprietario serão postos em praça, reservando-se o direito de adjudicação, os quadros seguintes:

«GRUPO DO LEÃO» notavel obra de Columbano.
«PAISAGEM DE CARRICHE» do Mestre Silva Porto.
DUAS «MARINHAS» representando uma delas, «poente no Tejo», de João Vaz.
«APOTEOSE DA LAGOSTA», «O PANTANO» e «O CAMPANA'RIO» de Malhôa.
«FLORES» dois frizos de D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro.
«CARICATURAS» de Rafael Bordalo Pinheiro.
«PAISAGEM DE ALCOR» e «CASTELO DE LEIRIA» firmadas por Ribeiro Cristino.
«FANTAZIA DO BUSSACO» da autoria de Antonio Ramalho.
«GALOS E POMBOS» do grande pintor animalista Girão.
«FLORES» de Rodrigues Vieira.
DIRIGEM ESTA SENSACIONAL VENDA OS AGENTES:

LEIRIA & NASCIMENTO, L.DA

CASA LIQUIDADORA—LISBOA

70, Rua do Alecrim—Telef. 29498

ATENÇÃO—O antigo Restaurante Leão de Ouro, ao contrário do que se pode depreender em várias noticias vindas a público, continua aberto, mantendo as suas honrosas tradições de bem servir.

Da pag. 198 – 199.

Não interessa á Nação, nem interessa ao Exercito a existencia nas suas fileiras de uma ou duas duzias de sabios, sobretudo se não é suficiente o indice geral de conhecimentos ou se não estamos em presença de um conjunto de graduados animosos e empreendedores em todas as circunstancias em que a sua actividade militar venha a desenvolver-se. Os abundantes conhecimentos teoricos são, sem duvida, necessarios, mas o que acima de tudo interessa é um corpo • oficiais de caracter bem temperado, voluntariosos e resolutos, capazes de tirar do material que Salazar gostosamente nos vai entregando, todo o rendimento de que ele é susceptivel na luta que é o nosso objectivo e deve constituir a nossa preocupação de todos os instantes.

Só assim nos prepararemos para a guerra, para a guerra que se avizinha, guerra a que queremos ser indiferentes, caso não estejam em jogo os nossos interesses, mas que não receamos e até desejaremos alegremente se algum poder da Terra tentar ameaçar sequer a integridade dos territorios que sem discussão nos pertencem e que foram regados pelo sangue dos nossos antepassados através de oito seculos de historia.»

C-52

118

De pag. 248

DEPOIS de longa permanência em Leiria, onde exerceu o comando do Regimento de Infantaria n.º 7 e a chefia do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 7, e onde grangeou, pela sua extrema gentileza e esmerada cultura, muitas e fortes simpatias e amizades, retirou para Coimbra, o nosso ilustre assinante, coronel sr. Belisário Pimenta, a quem desejamos muito sinceramente todas as felicidades de que é merecedor.

De pag. 302

AOS OFICIAIS DO EXERCITO E DA ARMADA E ESTUDIOSOS DE ASSUNTOS MILITARES

Lembre-se que são os ilustres: **Alm. Alfredo Botelho de Sousa, coronel Americo de Bivar, cap. Augusto Casimiro, coronel Barreto de Oliveira, coronel Belizario Pimenta, coronel Eduardo da Costa Ferreira, com. Fontoura da Costa, alm. Gago Coutinho, cap. Gastão de Sousa Dias, com. J. Correia Pereira, coronel José Agostinho, cap. Mario Costa, coronel Mario de Campos, general Norton de Matos, cap. Paulo de Brito Aranha, coronel Pedro F. Ribeiro de Almeida; com. Prestes Salgueiro, tenente-coronel Raul F. Rato, com. Tancredo O. Faria de Morais**, etc. etc., que colaboram nos assuntos militares, nauticos e de historia militar na

Grande Enciclopedia

Portuguesa e Brasileira

Não deixem, portanto, de a possuir e consultar.

(De pag. 256-57)

A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA tem a honra de convidar V. Ex.ª a assistir à cerimónia da inauguração do monumento ao grande poeta António Nobre, que se realisa no Penedo da Saudade em 30 de Outubro corrente, pelas 16,30 horas.

Coimbra, 14 de Outubro de 1939.

O Presidente,

Doutor Ferrand Pimentel de Almeida.

De pág. 308:

1.ª seção — Ciências Físico-Matemáticas e Militares. Presidiu o Prof. Dr. Pacheco de Amorim, secretariado pelos Prof. Dr. Mário Silva e comandante Espartairo.

Foi dada a palavra ao Prof. Dr. Vicente Gonçalves, que leu a sua comunicação, intitulada — «Análise dos princípios matemáticos de Anastácio da Cunha», a qual foi apreciada e muito elogiada pelo Prof. Dr. Pacheco de Amorim.

A comunicação do coronel Belizário Pimenta

Seguiu-se no uso da palavra o sr. coronel Belizário Pimenta, que leu a sua interessante comunicação, intitulada — «Evolução das Ideias Militares em Portugal», que é um trabalho histórico muito importante, onde o autor expôs, com raro brilho e aturado estudo, desde os começos da Nação portuguesa e no decorrer dos séculos até à actualidade, o desenvolvimento das instituições militares portuguesas, terminando com as seguintes considerações, que reproduzimos em síntese:

«Depois de 16 anos de lutas civis, o Setembrismo pretendeu, pelo esfôrço do Marquês de Sá, reformar o exército, quer na sua parte orgânica quer, principalmente, na própria mentalidade pela criação da Escola do Exército que deveria viver "em coexistência" com outras escolas superiores — o que acarretaria a dignificação da profissão e a necessária cultura. Era reforma profunda que o estado de exaltação política do país não deixou vingar.

Sempre sacudidas pelo tumulto político, as instituições militares decaíram e desprestigiaram-se. Em vão se opôs ao descalabro um grupo de oficiais que, pela fundação de uma revista, pretendeu criar ambiente melhor e difundir ideias e promover cultura.

Superiormente, também, não havia grande vontade de personalizar muito a fôrça armada. E só nos fins do século passado, consequência das campanhas coloniais brilhantemente concluídas, se começou a modificar a opinião.

Tôda a história das ideias militares em Portugal, vem a ser, finalmente, uma série irregular de "experiências" sem grande continuidade — experiências que tinham raízes estrangeiras, mas sempre razões locais ou nacionais, políticas, económicas ou geográficas».

Do «Diario de Coimbra» n.º 3485 de 24 de Novembro de 1940.

— Indices —

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

I

Anos:

Ano de 1937: Maio a Dez.^bro	1 - 67
" " 1938:	68 - 175
" " 1939:	176 - 260
" " 1940:	261 - 309
" " 1941:	310 - 337.
" " 1942:	338 - 373.
" " 1943	374 - 399

II

Nomes proprios:

Afonso [D.] IV : 150
Alberto [Caetano], gravador : 55.
Albuquerque [Afonso de] : 151.
" [G.al Antonio Garjão Carneiro de] : 190-191, 194-195, 200, 223, 230-231 e 242.
" [Joaquim Mousinho de] : 30, 37-38, 145-158.
Almeida [dr. Ferrand Pimentel de] : 13, 257.
" [Lourenço Chaves] : 3, 26-35, 44, 46-47, 173, 205, 299, 340, 344-346, 362-366 e 392-395.
Alórna [Marquês de] : 323-324.
Alves [P.e Francisco Manuel] : vide Baçal, abade do
Amaro [C.el Ernesto Gonçalves] : 366-367.
Amorim [dr. Pacheco de] : 306-307.
Azevedo [G.al Julio Schiappa de] : 177.
" [Pedro de] : 150.
Baçal [Abade do] : 201 e 291.
Baptista [C.el João Rodrigues] : 89.
Barreto [Dr. Bissaia] : 81 e 119.

Barros [David Bastos Miranda de], 2.º sargento de Inf.ª n.º 7 : 107-108.
Bastô (dr. Claudio) : 339, bis e 379.
Bastos [G.al João Pereira] : 194.
Beresford, marechal : 391-392.
Bernardes [P.e Manuel] : 149 e 271.
Bessa [Cor.el Adriano] : 355.
Bettencourt [Cor.el José Tristão de] : 92-93, 232.
Birne [Antonio], engenh.º : 227.
Botelho [Af.º Talaia de Sousa] : 85-87.
" [José Justino Teix.ª] general : 237-238, 240, 241, 280, 304 e 308-309.
Braga [Alberto Vieira] : 328 e 333.
Brandão [José] — V. Melo [J. B. Pereira de]
Brasil [Jaime] : 378-379, 385-386 e 388.
Brites [P.e Sebastião da Costa] : 8.
Brito [Nogueira de] : 333.
" [Rosalindo Candido de Sampaio e] : 216.
Cabral [Tasso de Miranda] : 194-195, 200, 217, 228-229 e 233.
Canto [G.al Franc.º Bernardo do] : 136, 205, 207, 208-209, 224-226.
Cardoso [dr. José M.ª] : 24, 68, 361-362.
" [Mario] : 178-179, 236, 250-251, 258, 274.
" [G.al Sá] : 318-319.
Carmona [G.al Oscar] : 9-11, 297-298 e 376.
Carvalho [dr. Joaq.um de] : 263-264, 289-291, 295, 301, 303, 306, 342-344, 356-357, 359-360, 371-73.

Carvalho [D. M.ª Amalia Vaz de]: 37-38.
" [Vasco de]: 185-189, 221-222, 230-231.
Casal [Fr. Gaspar do], bispo de Leiria: 7
Casimiro [Augusto]: 386-388.
Castelo-Branco [Camilo]: 252-253 e 355.
Castelo-Melhor [2.º conde de]: 291.
Castro [Alvaro de]: 318-319.
" [Aug.to Mendes Simões de]: 277 e 364.
" [Inês de]: 210.
" [D. João de]: 151.
Cerejeira [D. Manuel Glz.], cardeal: 65-66
Chapas [Fr. Antonio das]: 246.
Chaves [João Carlos Pires Ferreira], general: 244.
Cidade [Dr. Hernani]: 13-15, 322 e 343.
Clauzewitz: 358.
Coelho [Rui], maestro: 210.
Corrêa [dr. Fernando]: 288-289.
" [João da Silva]: 13.
" [Joaq.im dos Santos]: 226-227.
" [Dr. Vergilio]: 44-45, 286, 363-365.
Costa [Dr. Afonso]: 348.
" [Carlos Elias da]: 185-188.
" [Fernando dos Santos]: sub-secret.º da Guerra: 88, 196-199, 212, 235-236, 242 e 375-378.
" [dr. João Providencia de Sousa e]: 13, 335-336.
Conceiro [Henriq. de Paiva]: 30

Coutinho (Jaime) chefe da secret.ª da Câmara da Marinha Grande: 167.
" (João de Azevedo): 347-349.
Cunha (Alb.to Guerreiro Peixoto e): 5, 70-75, 83, 144-146, 149, 158 e 160.
" (Alfredo Ernesto da): 4, 42-43, 48, 51-54, 57-58, 73, 93, 144-146, 159-160, 232, 233 e 245
" (dr. Cardoso e): Prof. do Liceu: 171.
" (dr. João Gualberto de Barros e): 288-289
" (Dr. Pedro José da): 307.
Damasceno (José Pereira): 135-136, 168-169, 170.
Dantas (Julio): 257 e 364.
Descartes: 151.
Dias (Gonçalves), Poeta: 305.
Dionisio (Dr. Santana): 367-368, 389-390 e 391-392.
Duarte (D.), rei: 151.
Faria (Ant.º Machado de): 315 e 330.
Faustino (Rodrigo), cap. ão reform. do: 35.
Ferrão (José M.ª Dias): 281-282.
Ferreira (Henrique Pimenta da Costa): 18-20 e 60
" (Joaq.im da Costa), capitão: 78.
Figueiredo (Campos de): 321.
" (dr. José de): 30.
Fogaça (Tenente de Engenh.ª): 5
Foland (Chevalier de): 355.

Fonseca (Ant.º José Branquinho da): 40-42
" (Jaime) oficial de Caval.ª: 75-78
" (" Tomás da): oficial de Infantaria: 40-42, 53-55, 80-83, 96-96, 101-122, 123, 126, 139 e 166.
" (Felipe José Bilreiro da): cor.el de aviação e tripad.º: 88-89 e 282.
" (Tomás da): 40-41, 90, 180, 246 e 331.
Fontes (dr. Agostinho): 13.
França (Salvador Pinto da): 317-318.
Franco (José Vilão): 158, 209 e 245.
Galvão (Henrique): 142.
Garrett (Almeida): 91.
Gersão (M.el Liberato de Figueiredo): 296.
Gomes (Francisco), coronel: 9, 205-206 e 232-233.
Gonçalves (António Augusto): 4, 30-31, 44-45 e 46-47.
" (dr. Franc.º Rebelo): 356-357, 358-359 e 388.
" (dr. Vicente): 307.
Guerra (Lobato), general: 229-230 e 246.
Herculano (Alexandre): 55-57.
Hitler (Adolfo): 257-258.
Jomini, general suiço: 358.
Kant, filosofo: 157-158.
Kock (Paulo de): 314 e 331.
Lafões (duque de), D. João: 327.

Lapa (M.el Rodrigues): 14-15.
Larcher (Tito Benevenuto de Sousa): 243.
Latino (Manuel), coronel: 85-87.
Leiria (Bispo de): vide Silva.
Leitão: secret.º da Inspecção Escolar de Leiria: 166.
" (Joaquim), escrivão: 364.
Lencastre (Julio Garcês de): 99, 123-124, 147 e 154.
Lima (Cristovão de Sousa): 328-329.
" (Henrique Ferreira): 91, 238-239, 268-274, 275-278, 292, 305, 316, 324-26 e 333.
" (M.ª Helena de Sousa): 320-321. – Vide Pimenta.
Lobato (Gervasio): 314.
Lobo (dr. Fausto Ferreira): 282-283.
Loureiro (Alex. Ferreira de), major: 120-121.
Macedo (Armando): 312-314 e 374.
Machado (Ernesto da França), coronel: 202, 228 e 245
" (Franc.º Soares Lacerda) general, 17, 94-95 e 136.
" (Franc.º Valente): 275.
Madahil (Ant.º Gomes da Rocha): 327, 383-84.
Martins (Alfredo Fernandes), advogado: 383.
" (Eduardo Aug.to Azambuja): 265.
" (Luis Aug.to Ferreira), gen.l: 240.
Matos (Gastão de Melo de): 91, 259, 284-285, 315 e 381-382.

Matos (Gen.al Norton de): 194.
Melo (Arnaldo de), brigad.o: 61-63 e 136-37
" (D. Franc.o Manuel de): 239 e 276.
" (José Brandão Pereira de), cap. de Artelh.a: 268-274 e 275-278.
Mendes (José Rodrigues da S.a): cap. de Inf.a: 102 e 164-166.
Menezes (D. Luis da Cunha), brigad. de Caval.a: 83 e 160-162.
Merêa (Dr. Paulo): 288.
Mesquita (Artur Per.a de): cor.el: 213 e 217.
Miranda (Franc.o Sá de): 321.
Monteiro (Henrique Pires): 9, 163, 174, 213, 236, 250, 260, 264-267, 279-281, 287, 293, 296, 299-301, 319, 324-325, 329, 330-331, 384 e 396-399.
" (Manuel): 392-395.
Morais (Severino de): cor.el: 233.
Mota (José Serra da): 59-60
" (Luis José da): 195, 201, 202, 218 e 242.
Mourato (Manuel) Vermelho: V. Vermelho.
Nazaré (José de Sousa) cap. artelh.a: 224.
Nemésio (Vitorino): 11-16, 259, 321-322.
Neto (José de Oliv.a), ten. de Inf.a n.º 7: 80
Neves (Dr. Cassiano), Filho: 322.
" (Dr. José Simões): 13.
Nobre (António): 256-257 e 353-354.
Nunes (dr. Viriato do Amaral): 380-381.
Nuno (D. Duarte): 346-349 e 351.

Oleiro [Diogo M.º da Silva] : 59 e 302
Oliveira [Agostinho Barreto de] : 185, 200,
296, 311 e 354-356.
" [dr. Alberto de] : 191, 234-235, 239,
251, 256-258, 278-279 e 293.
" [Ant.º Correia de] : 257.
" [Domingos de], gen.al : 375-378.
" [Eduardo da Cunha] : 174-175, 206-208.
" [Franc.º Lacerda de] cor.el de Infant.ª :
117 e 149.
" [P.e Galamba de] : 63-64.
" [João Braz de], cor.el : 374-378.
" [D. Josefina Antas de] : 293, 353-354.
" [Luis Alb.to de] major : 377.
Palmela [1.º Duque de] : 37-38.
Pascoal [José Pereira], cor.el : 104-105 e 154.
Passos [Alvaro Ferreira], cor.el : 185, 186 e
230-231.
Pedro [António], ten.te : 249.
Pegado [dr. Cesar de Sousa] : 336.
~~[illegible]~~. ~~[illegible]~~ : ~~[illegible]~~.
Pereira (Alvares), ten. cor.el : 328-329.
" [Nun'alvares] : 33-34 e 151.
" [dr. Serafim Lopes] : 41 e 167.
Peres [dr. Damião] : 288 e 335-336
Pimenta [M.ª Helena da S.ª] : 178, 203-204, 208-
210 e 210. Vide Lima.
Pinto [Franc.º José], gen.al brasil.º : 280-281.
Plutarco : 156.

Proença [Raul]: 256, 258-259, 294 e 367.
Quental [Antero do]: 342-343
Quintas [D. Lucinda]: 285-286.
Rebelo [Gen.al Teixeira]: 329.
Reis [Luís da Camara]: 368-373.
Relvas [Franc.o], 1.º sargento de Inf.ª 7: 106-110, 110-112, 112, 115, 116 e 118.
Rio [José Teles de Sampaio], cor.el de Inf.ª: 49 e 63-64.
Rio-Maior [Marquês de]: 395 e 396.
Rodrigues [dr. José M.ª]: 36-37.
Romão [João Ant.º Matos]: 13.
Sá [Ant.º de Moura e]: 46.
Sainte-Beuve: 156.
Salazar [Ant.º de Oliv.ª]: 22-24, 30, 65-66, 69-79, 196-199, 257, 297-298, 328-329 e 375-378.
Salgado Junior [dr. António]: 321, 333-334 e 338.
" [Augt.º Bivar Xavier de Azevedo]: 133, 174, 233-234, 246, 295, 303 e 311.
Sampaio (Luís) cor.el: 245.
Santos [Ant.º Paula], ten.te: 80 e 97.
" [Benjamim Lucas dos]: 216
" [Carlos M.ª Pereira dos]: 194-195, 200, 220, 225, 242, 297-299.
" [dr. Delfim]: 321.
" [dr. Reinaldo dos]: 363-365
Saraiva [dr. Ant.º de Sousa]: 24.

Sarmento {Júlio Ernesto de Morais}
Gen.al: 22-23, 193-194, 200, 223, 230, 242-243, 265-267 e 325-326
Sérgio {António}: 341-342, 357-358, 383 e 385.
Serra {Abade José Correia da}: 327.
Silva {Ant.º Henriques da}, cap.am: 227-228.
" {Armando}, inspector escolar: 390-391.
" {D. Cleonisse}: 260.
" {Fernando da}: 322.
" {Joaquim Possidónio Narciso da}: 297 e 315.
" {D. José Alves Correia da}: bispo de Leiria: 36-37 e 240.
" {José Vicente da}, ten. cor.el: 114 e 115.
" {Dr. Mário}: 308.
" {Mário Ramos}, cap. de Inf.ª n.º 7: 81-83, 98 e 119-120.
" {D. Virgínia Martins da}: 243.
Silveira {Franc.º Pinto da}, conde de Amarante: 333, 355-356.
Silveiras, família: 253.
Sombrio {Carlos}: 252-253 e 361.
Soult, marechal: 253.
Sousa {Abílio Aug.to Valdez de Passos e}: 193-195, 197, 200, 236 e 244.
" {D. Anunciação Lacher de}, de Leiria: 243.

C-54

Sousa {Aníbal Valdez de Passos e}, cor.el: 171, 185-186 e 235.

" {Fernando de}: jornalista: 64.

" [Gervásio de] cap.ão reform.do: 5

" {dr. Mário Pais de}: ministro: 47-50, 51-53, 57 e 159.

Staël {Madame de}: 38.

Tavares {Raul da S.a}, cor.el: 231-233.

Teixeira {Ant.º José}, cor.el: 201

" {Gastão da Silva}, cor.el: 232.

" {José Gomes}, cap. Inf.ª 7: 110-112.

Teles {Casimiro de Sousa}: 82

Tinoco {Agostinho}: 64, 139-140 e 142.

Torre {Conde da}, actual: 323-324.

Trindade {Gaudêncio da}, cor.el Artilh.ª: 209, 217, 243 e 249.

Türmer, gravador: 391.

Valdeavellano {dr. Luis G. de}, catedrático espanhol: 288-289.

Vale {Henrique Per.ª do}, major de Artilh.ª: 81, 102, 119, 158-159, 164-167 e 173.

Vasconcelos {dr. Ant.º Garcia Ribeiro de}: 69 e 288.

" {Joana Mendes de}: 291.

" {dr. Mário de}: govern. civil de Leiria: 9, 51-52 e 60

Vaz {João}, pintor: 179.

Veloso (dr. José M.ª de Queiroz): 65-66

Ventura {dr. Carlos Simões}: 13-15.

Vermelho (M.el Maurato) : 18-20.
Viegas (Franc.º dos Santos), engenh.º : 20
Vieira (Afonso Lopes) : 24-38, 39, 44, 59, 181,
312-313, 340, 344-346, 349-352, 381, 389
e 392-394.
" (João Rodrigues), pintor : 179.
Wavell, gen.al inglês : 325-326.
Wellington (Artur) : 391.
Zilhão (Major Soares), engenh.º : 87-89.